

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

**A VARIAÇÃO DO DITONGO NASAL TÔNICO –ÃO COMO PRÁTICA SOCIAL
NO PORTUGUÊS DE SÃO MARCOS/RS**

MARCIANA TOMIELLO

**CAXIAS DO SUL
Agosto de 2005**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS E CULTURA REGIONAL

**A VARIAÇÃO DO DITONGO NASAL TÔNICO –ÃO COMO PRÁTICA SOCIAL
NO PORTUGUÊS DE SÃO MARCOS/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura Regional.

Área de Concentração: Linguística e Cultura Regional.

Orientador(a): Dra. Elisa Battisti.

MARCIANA TOMIELLO

CAXIAS DO SUL
Agosto de 2005

Aos meus pais,

Olavio e Maria Jussara,

E a meus irmãos, Alex e Márcia,
pela amizade e confiança de sempre.

Ao querido Ismael,
Pelo apoio e companhia ao
longo da caminhada, pelas infinitas
razões para acreditar no trabalho e na vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela inspiração e por colocar em meu caminho pessoas que me auxiliaram e apoiaram neste período.

À Professora Elisa Battisti, meu agradecimento especial, por suas observações críticas, empenho e dedicação com que me orientou, tornando possível a realização desta dissertação.

Aos meus professores do mestrado Jayme Paviani, Elisa Battisti, Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, Loraine Slomp Giron, Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, Neires Maria Soldatelli Paviani, Flávio Loureiro Chaves que, sem dúvida, serão espelhos na minha vida acadêmica.

Aos colegas de curso, pelo companheirismo e pela convivência, que apesar de pouca, foi fundamental no dia-a-dia do Mestrado.

À Fernanda Bassanesi por me ajudar na procura de informantes em São Marcos, pela viabilização junto a uma família, parte fundamental de meu trabalho, obrigada.

A família Poggere, de São Marcos, que me acolheu durante quatro dias para o estudo etnográfico, muito obrigada.

À Ariela, secretária do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional, por sempre ter me recebido com alegria e ajudado quando precisei, muito obrigada.

À agência de fomento CAPES que proporcionou meus estudos nesses dois anos de Mestrado, seu apoio é de fundamental importância para a pesquisa em nosso país.

A todos que, de uma forma ou de outra, estiveram comigo nesses dois anos de estudo, muito obrigada e espero que possamos festejar juntos mais esta conquista!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO.....13

2 REGIÃO e CULTURA.....	18
2.1 Região.....	18
2.2 História de São Marcos.....	18
2.2.1 Origem do nome e localização geográfica.....	18
2.2.2 Primeiros habitantes: italianos ou poloneses?.....	21
2.2.3 Zona rural e Zona urbana: delimitações.....	25
2.2.3.1 Rural e Urbano: noções.....	25
2.3 Cultura como sistema de práticas.....	30
3 QUADRO TEÓRICO.....	33
3.1 Ditongos nasais tônicos e a variação na fala bilíngüe.....	33
3.2 Bilingüismo.....	38
3.2.1 Bilingüismo e Identidade em São Marcos.....	43
3.2.2 Contato entre línguas, variação e mudança.....	44
3.2.2.1 Interferência fonológica.....	45
3.3 Teoria da Variação.....	47
3.3.1 Variação na Estrutura.....	50
3.3.1.1 Análise de Regra Variável.....	51
3.3.2 Variação como Prática Social.....	54
3.3.2.1 Família.....	60
3.4 Revisão de Literatura: contato entre línguas e variação.....	63
4 METODOLOGIA.....	72
4.1 Análise Quantitativa.....	72
4.1.1 Variáveis da Pesquisa.....	72
4.1.1.1 Variáveis sociais.....	72
4.1.1.1.1 Gênero.....	73
4.1.1.1.2 Idade.....	73
4.1.1.1.3 Escolaridade.....	74
4.1.1.2 Variáveis lingüísticas.....	75
4.1.1.2.1 Número de Sílabas do Vocábulo.....	75
4.1.1.2.2 Contexto Fonológico Precedente.....	75
4.1.1.2.3 Contexto Fonológico Seguinte.....	76
4.1.2 Informantes.....	77
4.1.3 Levantamento e Análise computacional dos dados.....	78
4.2 Análise Qualitativa.....	80
4.2.1 Estudo Etnográfico.....	80

5 ANÁLISE, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	80
5.1 Análise Quantitativa.....	80
5.1.1 Variáveis Extralingüísticas.....	81
5.1.2 Variáveis Lingüísticas.....	84
5.1.3 Cruzamentos de variáveis.....	86
5.2 Análise Qualitativa.....	93
5.2.1 Estudo Etnográfico na família.....	94
5.2.1.1 A Família Poggere.....	94
5.2.1.2 Observação Participante e o Ditongo -on.....	97
5.2.2 Idade e Gênero na alternância -ão::-on.....	105
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa de São Marcos.....	19
FIGURA 2: Mapa de São Marcos em relação ao Brasil e ao Rio Grande do Sul.....	20
FIGURA 3: Planta das colônias em São Marcos.....	22
FIGURA 4: Gráfico de realização de -on e -ão.....	80
FIGURA 5: Gráfico do cruzamento entre Idade e Escolaridade.....	87
FIGURA 6: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Idade.....	87

FIGURA 7: Gráfico do cruzamento entre Idade e Número de Sílabas do Vocábulo.....	88
FIGURA 8: Gráfico do cruzamento entre Idade e Contexto Fonológico Precedente.....	89
FIGURA 9: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Escolaridade.....	90
FIGURA 10: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Número de Sílabas do vocábulo.....	91
FIGURA 11: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Contexto Fonológico Precedente.....	92
FIGURA 12: Árvore Genealógica da família Poggere.....	95

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: A fala dialetal italiana em São Marcos (zona rural) conforme MOUGEON e BENIAK (1995).....	41
QUADRO 2: Variáveis da pesquisa.....	75
QUADRO 3: Informantes.....	76
QUADRO 4: Localização das casas na propriedade dos Poggere.....	96

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Idade.....	81
TABELA 2: Escolaridade.....	82
TABELA 3: Gênero.....	83
TABELA 4: Número de Sílabas do Vocábulo.....	84
TABELA 5: Contexto Fonológico Precedente.....	85

RESUMO

O estudo da alternância *-ão:-on* do ditongo nasal tônico na fala em língua portuguesa de bilingües português-italiano de uma comunidade rural do município de São Marcos-RS baseia-se na Teoria da Variação Lingüística (Labov, 1969, 1983, 2001) e na Variação como Prática Social (Eckert, 2000, 2005). As variáveis extralingüísticas Idade, Escolaridade e Gênero revelaram-se importantes na ocorrência de *-on*. Dentre as variáveis lingüísticas, destacaram-se Número de Sílabas do Vocábulo e Contexto Fonológico Precedente. A observação das práticas da família permitiu verificar que a mesma constitui um grupo coeso que trabalha a terra e pratica a fala bilingüe. São os pais os membros da família dedicados às atividades rurais e aqueles que realizam mais o *-on*, ao contrário dos filhos, que têm atividades urbanas, têm mais escolarização, convivem mais com o grupo monolingüe-português e realizam mais *-ão*. Apesar de bilingüe, a mãe produz menos *-on* do que o pai. Ambos trabalham a

terra e possuem o mesmo grau de escolarização, mas cabe à mãe o contato diário mais intenso com os filhos, com quem pratica o português.

PALAVRAS-CHAVE: variação lingüística como prática social, contato português-italiano, ditongo nasal tônico *-ão*.

ABSTRACT

The study of the alternation *-ão*:-*on* of the tonic nasal diphthong in Portuguese as it is spoken by Portuguese-Italian bilinguals of a rural community of São Marcos-RS is based on the theories of Linguistic Variation (Labov, 1969, 1983, 2001) and on Variation as Social Practice (Eckert, 2000, 2005). The extralinguistic variables *Age*, *Schooling* and *Gender* were important on the application of the *-on* rule. Among the linguistic variables, Number of Syllables in the Word and Precedent Phonological Context were relevant. The observation of practices in the family showed it is a tight group devoted to rural activities and which practices bilingualism. Parents are the ones in the family engaged in those activities and the ones producing more *-on* when speaking Portuguese. Their children, in opposition, engage in urban activities, have more schooling, integrate more monolingual groups and produce less *-on*. Despite being bilingual, mother produces less *-on* than father. Both engage in rural activities and have the same schooling degree, but it is mother who is in charge of daily contact with the children, with whom she speaks Portuguese.

KEYWORDS: linguistic variation as social practice, contact Portuguese-Italian, tonic nasal diphthong –*ão*.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a variação do ditongo nasal tônico *-ão* no português de São Marcos/RS, zona rural, que corresponde à alternância *-ão::-on* em palavras como *pão~pon*, *caminhão~caminhon*, por exemplo. Isso resulta da influência fônica da fala dialetal italiana (RCI-RS)¹ sobre o português, uma vez que a prática bilíngüe português-italiano ainda se verifica na comunidade em questão.

Como já apontado em outros estudos (Frosi e Mioranza, 1983; Santos, 2001; Bovo, 2004), a realização do ditongo nasal tônico [ɔ̃] como [ɔ̃] é recorrente e variável na fala de bilíngües dessa região. Objetiva-se estudar sociolinguisticamente esse fenômeno fonológico variável, a fim de contribuir para a descrição de uma variedade do português brasileiro, e também para a compreensão de aspectos da cultura e identidade regionais. Em específico, busca-se: (i) identificar as variáveis lingüísticas e extralingüísticas condicionadoras da alternância; (ii) explicitar a freqüência com que a variante *-on* é empregada; (iii) identificar o quadro de práticas sociais em que a variação do ditongo nasal tônico *-ão* emerge.

As questões que orientam a investigação são: (i) como as alternantes correlacionam-se a categorias sociais, tais como idade, sexo, escolaridade? (ii) que variáveis lingüísticas, como contexto fonológico precedente e seguinte e número de sílabas do vocábulo, condicionam favoravelmente o fenômeno? (iii) que práticas sociais são constituidoras de identidades, determinam a pertença a grupos e associam-se à alternância *-ão::-on*?

¹ Segundo Frosi (2003), na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS), situada a nordeste desse estado, hoje encontram-se 55 municípios, entre eles Caxias do Sul, São Marcos, Farroupilha, Garibaldi, Flores da Cunha, Veranópolis. A região recebeu, no final do século XIX, imigrantes oriundos de diversas regiões do norte da Itália, que foram na RCI assentados de acordo com sua ordem de chegada, o que contribuiu para que falantes de dialetos italianos afins passassem a conviver numa mesma área no novo país. Foi assim que uma mistura de dialetos originou-se desse contato, que Frosi (2003, p.134) descreve como “um supradialeto de características predominantes do dialeto vicentino-paduan-trevisano, mais feltrino-belunês-trentino, com o acréscimo de influências dos dialetos lombardos e da língua portuguesa”. Esse supradialeto será no presente estudo denominado *fala dialetal italiana*.

Este estudo procurará testar as seguintes hipóteses: (i) contexto fonológico precedente e seguinte condicionam favoravelmente a realização de *-on*, como uma consoante nasal que antecede ou segue o ditongo, assim como o número de sílabas do vocábulo, com uma maior probabilidade de a variante *-on* ocorrer em monossílabos do que em vocábulos com duas ou mais sílabas; (iii) o emprego de *-on* é mais freqüente entre homens de meia-idade e idosos, com baixo nível de escolaridade; (iv) decorrente da fala bilíngüe, prática sustentada em grupos como o familiar, a alternância é uma entre outras práticas sociais de zona rural.

Os dados lingüísticos são provenientes do BDSer². Os informantes são habitantes de São Marcos, zona rural. O município conta hoje com aproximadamente 21.000³ habitantes, dos quais cerca de 75% habita a zona urbana, 25% a zona rural.

Pretende-se realizar uma análise numa perspectiva um pouco mais social do que praticado usualmente pelos variacionistas. Esses procuram descobrir padrões de uso ou regularidades em uma comunidade de fala (Labov, 1969, 1983, 2001). O que se investiga são as variantes da língua como parte da estrutura e motivadas tanto por fatores extralingüísticos quanto lingüísticos. Neste trabalho, conforme Eckert (2000), vai-se combinar a metodologia quantitativa laboviana a técnicas etnográficas, de modo a investigar o valor (simbólico) das alternantes, ligado intimamente a uma identidade de grupo em que práticas sociais têm lugar. A compreensão do valor social das alternantes é possível desde que se observe *in loco* as práticas sociais dos falantes envolvidos na análise, ou seja, em uma comunidade de prática (Eckert, 2000, 2005). Neste estudo, a comunidade de prática considerada será a família, *locus* primordial da fala bilíngüe português-italiano, ainda subsistente na região.

² O BDSer (DELE-UCS), Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, é um *corpus* lingüístico em construção que pretende reunir entrevistas sociolingüísticas de informantes, de zona rural e urbana, de nove municípios da Serra Gaúcha. Atualmente, fazem parte de seu acervo 55 entrevistas de Caxias do Sul, 55 de São Marcos – 24 foram utilizadas para esta pesquisa. Agora em Antônio Prado está se dando prosseguimento às entrevistas. Já foram realizadas 6. Participei como bolsista de iniciação científica, no Projeto: Variação Lingüística e Bilingüismo: a fala na Serra Gaúcha, e depois como colaboradora na realização das entrevistas em São Marcos/RS.

³ Fonte: <http://www.ibge.gov.br> (acesso dia 10.06.2005)

Inicialmente, será feita análise quantitativa conforme metodologia de análise de regra variável (Labov, 1969, 1983, 2001; ver seção 3.3.3), a fim de verificar o condicionamento de variáveis lingüísticas e sociais sobre o fenômeno em questão, a alternância *-ão::-on*. Posteriormente, será realizado estudo etnográfico por meio de observação participante (Eckert, 2000, 2005), para explicitar o quadro de práticas sociais em que a alternância ocorre.

O tema em estudo constitui espaço privilegiado para a investigação da cultura e identidade regionais porque uma das alternantes, *-on*, é caracterizadora da fala em língua portuguesa de bilíngües, descendentes de imigrantes italianos, enquanto a forma *-ão* identifica os habitantes monolíngües na região de São Marcos/RS. Quando contam-se piadas, essa é uma das características de pronúncia da fala do gringo, utilizada para provocar riso, ridicularizada por muitos. Além da alternância em questão, há uma gama de realizações fonéticas igualmente diagnóstica de bilíngües, como por exemplo: a não palatalização de [t] e [d] diante de [i], por exemplo em ['tia], [pen'tjava], ['dente]; a não-vocalização de [l], como em ['sɫl], [paɫej'ɫal]; a realização do tepe em lugar de vibrante múltipla, como em [a'ɫos], [kaɫo'so], entre outros.

O trabalho se constituirá de seis capítulos, cinco além deste, introdutório. O capítulo seguinte apresenta elementos da história de São Marcos e as noções de região e cultura, pressupostas à investigação. O terceiro capítulo traz o embasamento teórico-metodológico do estudo e uma revisão de análises de processos variáveis do português brasileiro originários de contato entre línguas, isso com o objetivo de caracterizar o problema de pesquisa e fundamentar a orientação metodológica assumida. Serão abordadas nesse capítulo a concepção fonológica de ditongo nasal (Câmara Jr., 2004, Cagliari, 1977, Wetzels, 1997, Bisol, 1998, Battisti, 1997); a Teoria da Variação (Labov, 1969, 1983, 2001), que concebe a língua em seu contexto social correlacionando as variantes a fatores lingüísticos e

sociais; a Variação como Prática Social (Eckert, 2000, 2005), que considera as variantes um dos recursos (estilísticos) para a construção de identidades; o bilingüismo (Mackey, 1972, Haugen, 1972, Mougeon e Beniak, 1995), como situação que promove contato entre línguas e como prática social identitária. O quarto capítulo apresenta tanto a metodologia (quantitativa e qualitativa) seguida, quanto os resultados estatísticos obtidos e uma discussão dos mesmos. No quinto capítulo, relata-se a observação participante realizada, interpretando-se alguns resultados da análise quantitativa. No sexto capítulo estão as considerações finais do estudo.

2 REGIÃO E CULTURA

2.1 REGIÃO

Embora nos estudos sociolingüísticos não se opere diretamente com a noção de região, admite-se que as comunidades situem-se em regiões geográfica e politicamente delimitadas e que elementos de sua história e estruturação social possam, se não motivar usos lingüísticos diretamente, contribuir para a compreensão dos mesmos. É por isso que, na seção que segue, elementos da história e cultura de São Marcos serão apresentados.

2.2 HISTÓRIA DE SÃO MARCOS

2.2.1 ORIGEM DO NOME E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A denominação *São Marcos* surge primeiramente num documento de 1790, referente à Fazenda Souza. O rio, explicam Rizzon e Possamai (1981), que é um dos limites do território, chamava-se *São Marco*. Com o passar do tempo, o atual território de São

Marcos foi conhecido por distintos nomes: Sesmaria Palmeiras; Fazenda das Palmeiras dos Ilhéus ou Fazenda dos Ilhéus; Invernada da Pedra Branca ou do Morro da Canastra entre outros.

Somente a partir da emancipação o novo município, constituído pela lei n.º 4576, de 9 de outubro de 1963, passou a denominar-se *São Marcos*. Conforme Rizzon e Possamai (1981), o município de São Marcos situa-se na Encosta Superior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Os limites do município são: a Norte, Vacaria; a Sul, Caxias do Sul; a Leste, Caxias do Sul; a Oeste, Antônio Prado e Flores da Cunha, conforme mapa da Figura 1 abaixo:

Figura 1: Mapa de São Marcos, com o nome de linhas/comunidades.

Antes de sua emancipação, São Marcos pertenceu a Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Cima da Serra, Taquara e Caxias do Sul. Em relação ao Brasil e ao Rio Grande do Sul, São Marcos pode ser visualizado no mapa da Figura 2, abaixo:

Figura 2: Mapa de São Marcos em relação ao Brasil e ao Rio Grande do Sul.



Fonte: www.citybrazil.com.br/rs/regioes/caxiasdosul/de 18.03.2005.

A história do município de São Marcos está ligada à imigração de europeus ao Rio Grande do Sul. Tanto poloneses quanto italianos fazem parte dessa história, como veremos a seguir.

2.2.2 PRIMEIROS HABITANTES: italianos ou poloneses?

Em 1885, o Governo brasileiro iniciava a medição das terras de São Marcos e sua divisão em linhas e lotes a fim de distribuí-los aos imigrantes que eram, em sua maioria, agricultores em seu país de origem.

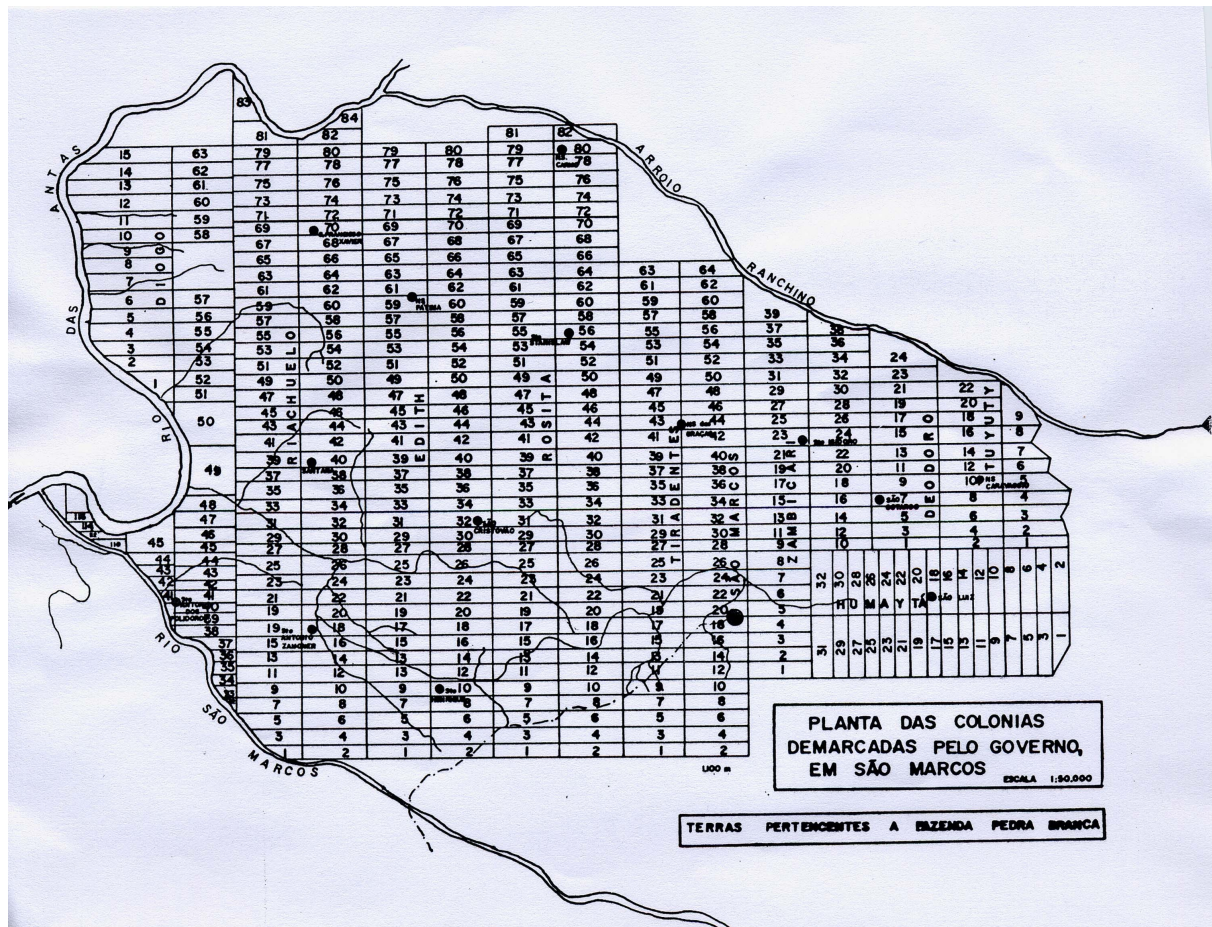
Os agricultores na Itália viviam como escravos, humilhados e explorados pelos mais poderosos. Trabalhavam em terras de patrões, a quem se submetiam e temiam. Esses agricultores vivenciaram o advento da imigração como sendo a oportunidade de uma vida autônoma. Teriam a própria terra e isso valia qualquer risco. Rizzon e Possamai (1981) relatam que, quando os imigrantes deixaram seus povoados, vilas e comunidades, sofriam muito. Vinham com pouca ou nenhuma instrução, mas com muita fé e sentimento religioso.

Os poloneses que vieram para São Marcos eram oriundos de regiões dominadas pela Rússia. Ali, contam Rizzon e Possamai (1981), a repressão era insuportável. A Rússia impunha um regime de escravidão, proibindo o uso da língua polonesa, a prática da religião católica e além de tudo a imprensa era controlada e aumentavam drasticamente os impostos. Assim, os imigrantes poloneses que vieram para o Rio Grande do Sul e para São Marcos estavam em fuga. Não vieram pela perspectiva de melhora nas condições socioeconômicas, como foi o caso dos italianos.

Os imigrantes italianos e poloneses que vieram para São Marcos empreenderam essa viagem após meses de espera num barracão de Caxias. Somente depois de serem comunicados de que não haveria lotes para eles ali, iniciavam a viagem para o município de São Marcos. Os colonos, explicam Rizzon e Possamai (1981), após chegarem ao Núcleo Colonial, aguardavam a indicação de seu lote em pequenos barracões, construídos nas diversas linhas: Riachuelo, Edith e Rosita, Tiradentes. A primeira tarefa dos colonos

imigrantes, após sua chegada e alojamento provisório nos barracões, era a de abrir picadas que permitissem chegar até os lotes, deslocar-se de um barracão para outro e de uma linha a outra. Os lotes coloniais, em São Marcos, eram de 302.500m², formando retângulos de 1.100m de comprimento por 275m de largura. Era o tamanho da colônia, pouco mais de 30 hectares de terra. Os lotes ou colônias foram dispostos em pares, sobre uma linha imaginária denominada Linha ou Travessão, como mostra a planta da Figura 3.

Figura 3: Planta das colônias em São Marcos.



Fonte: Rizzon e Possamai (1981, p. 125)

Como se vê no mapa, foram organizadas no município dez linhas dispostas no sentido Norte-Sul e lotes a Leste e Oeste. Os lotes a Oeste da linha receberam números pares. A única linha que corre no sentido Leste-Oeste e tem seus lotes dispostos a Norte e a Sul é a Linha Humaytá (Comunidade de São Luís).

Além dos lotes rurais, havia os lotes urbanos. As localidades de Pedras Brancas, São Jacó e São Roque foram incluídas no núcleo colonial mais tarde. O lote da Linha Tiradentes foi reservado para a sede do Núcleo São Marcos. Ali foram medidos e demarcados os lotes urbanos, concedidos àqueles que não eram agricultores.

Segundo Rizzon e Possamai (1981), a localidade de Zamoner foi o berço da imigração em São Marcos. Foi nos primeiros lotes da linha Riachuelo, à beira do Rio São

Marcos, que os imigrantes ingressaram na nova colônia. Os lotes da linha Riachuelo foram primeiramente ocupadas em 3 de fevereiro de 1885 por imigrantes italianos. Portanto, afirmam os autores que os primeiros moradores de São Marcos foram os italianos, a quem couberam os lotes mais acidentados.

Em 1891, relatam Rizzon e Possamai (1981), quando chegaram os poloneses, chegaram também mais italianos. Os poloneses, por sua vez, deixaram a Polônia em outubro de 1890. Depois da viagem e de uma longa espera no barracão de Caxias, foram encaminhados a São Marcos, a partir de janeiro de 1891. Rizzon e Possamai (1981) explicam que, em poucos anos, quase toda a numerosa leva de imigrantes poloneses migrou para o Vale do Alto Uruguai e do Rio do Peixe. Alguns abandonaram suas terras e outros as venderam para os colonos italianos.

Ao longo da história do município, a divisão rural-urbano se manteve e a área de interesse aqui, a zona rural, não sofreu grande modificação em seus limites, como veremos a seguir.

2.2.3 ZONA RURAL E ZONA URBANA DE SÃO MARCOS

2.2.3.1 RURAL E URBANO: noções

Inicialmente, no intuito de conceituar zona rural e urbana, deparamo-nos com uma bibliografia que faz uma caracterização não sob esses rótulos, mas sob os de ‘aldeia’ (Pesez, 1986) e ‘cidade’ (Roncayolo, 1986).

Segundo Pesez (1986), o termo ‘aldeia’ apareceu no Ocidente Medieval, por volta do século XIII, para designar uma realidade complexa, que se associa a uma construção de base – fixação permanente num determinado lugar, um território agrícola e um grupo humano, portador de personalidade moral que se exprime através de diversas instituições, sobretudo a paróquia e a comunidade rural homogênea. Para Pesez (1986), a aldeia define um espaço social dotado de uma certa coerência quanto a sistemas de construção das habitações, à exploração do solo e dos recursos, à formação da paisagem que o rodeia, elementos que refletem a existência de sistemas de solidariedade intensos que diferenciam a aldeia da cidade, onde a sociedade aparece bastante articulada.

Já a noção de cidade, segundo Roncayolo (1986), implica a aglomeração de toda uma população, ou seja, a concentração do *habitat* e das atividades. As atividades conduzem à especialização das tarefas, e contribuem para as trocas e a organização de uma sociedade bastante heterogênea. Tem-se assim um tipo de vida, ou formas especiais de sociabilidade.

Se colocadas em paralelo com as noções de aldeia e cidade, pode-se dizer que a zona rural distingue-se da urbana pelas relações, sejam econômicas, políticas, culturais ou sociais que cada uma possui e que lhes são próprias. Uma aproximação com a definição de bairro rural pode explicitar ainda mais esse paralelismo. A comunidade rural de São Marcos pode ser definida como um bairro rural, visto que

(i) “há uma base territorial constituída por casas esparsas, mas com um centro de referência social, ‘a sociedade da capela’; (ii) a população tem uma situação social homogênea; (iii) as pessoas estabelecem relações de vizinhança, muitas vezes justapostas a relações de parentesco; (iv) as pessoas se auto-identificam como membros do bairro, havendo um sentimento de localidade; (v) ocorrem práticas de ajuda mútua no processo de trabalho; (vi) as pessoas da localidade participam em comum de atividades lúdicas, na ‘sociedade da capela’, e de atividades religiosas, ‘a Festa do Padroeiro’.” (Santos, 1984, p. 5)

À caracterização feita por Santos (1984) vêm somar-se as idéias da socióloga Durham (2004), que põe em relevo o papel da família na zona rural. Para a autora, as comunidades rurais tradicionais têm na família o grupo responsável pela organização da atividade produtiva. No Brasil rural, o trabalho agrícola é uma atividade familiar. A autora afirma que os padrões ideais da cultura rural tradicional definem o grupo masculino como responsável somente pelas tarefas extra-domésticas. O grupo feminino cuida das tarefas da casa, da educação dos filhos, o que não ocorre mais em comunidades urbanas, onde homem e mulher têm atividades fora de casa e os filhos ficam na escola ou com alguém (empregada, mãe, sogra) em casa.

Nas comunidades rurais tradicionais brasileiras predomina o trabalho ‘associado’ e não o ‘dividido’, como na cidade. O trabalho é coletivo, mas não cria laços coletivos, manifestando apenas o conjunto de obrigações recíprocas que unem as pessoas. Segundo Durham (2004), é também típico de comunidade rural a troca de dias. Na localidade deste estudo, na zona rural de São Marcos, quando uma família está repleta de serviços, como por exemplo na colheita da uva, outras famílias vizinhas que não cultivam uva e ou outra variedade que ainda não está na hora da colheita vêm ajudar. Isso seria impossível no meio urbano, onde as pessoas têm serviços especializados.

Durham (2004) constata que as comunidades rurais tradicionais brasileiras, frente à sociedade mais ampla ou urbana, caracterizam-se como um tipo especial de campesinato, forma de organização social e do trabalho própria das sociedades complexas pré-industriais. A comunidade rural seria considerada uma comunidade rústica, na visão de Antônio Cândido. Essas comunidades rústicas ou rurais se caracterizam pelo isolamento relativo e pela produtividade limitada do sistema econômico, voltado em grande parte para a produção direta da própria subsistência. Pode-se dizer ainda que, de um lado, a comunidade rural se

caracteriza pelas relações primárias e a reciprocidade direta; e por outro, se caracteriza pela dependência estrutural da sociedade mais ampla ou urbana.

Toda essa caracterização de comunidade rural permite tomá-la como uma região. Na visão de Pozenato (2001, 2003), região é um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, seja de proximidade ou de distância. A região, segundo Pozenato (2001, p. 591; 2003, p. 157), “deixa de parecer um espaço isolado entre fronteiras e dependente de um centro, para se tornar apenas um complexo de relações inserido numa rede sem fronteiras”. São essas relações – muito freqüentemente não-coincidentes com o traçado físico-geográfico – e seu valor simbólico o que está em jogo quando o indivíduo afirma pertencer a uma região.

Se a zona urbana do município de São Marcos foi organizada em bairros sobre a Linha Tiradentes e parte de outras linhas, a zona rural compreendeu o restante das linhas, e organizou-se na forma de comunidades-capela: Nossa Senhora de Caravaggio (Linha Tuiuty); São Luís (Linha Humaytá); Santo Antonio Zamoner (Linha Riachuelo); São Francisco Xavier (Linha Riachuelo); Sant’Ana (Linha Riachuelo); Santo Antonio dos Polidoros (Linha Diogo dos Santos); Santo Estanislau e Nossa Senhora do Carmo (Linha Rosita); São Jacó, Santa Catarina e São Roque (Linha Pedra Branca); Santo Isidoro (Linha Zambecari); Nossa Senhora das Graças (Linha Tiradentes); Santo Henrique (Linha Edith); São Gotardo (Linha Marechal Deodoro da Fonseca); Nossa Senhora de Fátima (Linha Edith); Santo Antonio (Linha Salgado).

Um dos únicos registros históricos de caráter socioeconômico é o de Rizzon e Possamai (1981), que relatam ter o município de São Marcos, na década de 80 a 90, uma economia baseada em quatro setores fundamentais: agricultura, indústria, comércio e serviços. Segundo Rizzon e Possamai (1981), a indústria desenvolveu-se, vindo a ser o principal sustentáculo da economia são-marquense. Destaca-se a indústria de peças para caminhões e a

vinícola. As atividades comerciais e a prestação de serviços tiveram um crescimento significativo, o que não ocorreu com o setor agrícola. Para Rizzon e Possamai (1981), a industrialização, além de provocar grande êxodo rural, trouxe para São Marcos um número significativo de pessoas de outros municípios.

Hoje, São Marcos⁴ tem na atividade industrial o maior retorno econômico ao município, 57,48%, seguido da atividade serviços e transportes, com 16,17%, da agropecuária, com 14,83% , e, por último, da atividade comercial, com 11,52%⁵. As pessoas que residem e trabalham na zona urbana de São Marcos ocupam-se com atividades nas indústrias, no comércio e na prestação de serviços e transportes. Já aquelas que dedicam-se à agropecuária residem e trabalham na zona rural do município. Essas pessoas, em suas propriedades de terra, cultivam em sua maioria videiras, para a produção de vinhos, outros já produzem uvas para o comércio e outros ainda se dedicam à plantação de alho e verduras. A economia funciona, desse modo, como um dos demarcadores que distinguem zona rural de zona urbana. No estado do Rio Grande do Sul, o município de São Marcos é o maior produtor de alho, destaca-se em quarto lugar na produção de vinhos, e é o nono maior produtor de uvas.

Todas as características apresentadas nessa seção não apenas distinguem rural de urbano no município considerado, constituem o que se pode chamar elementos de uma cultura. Em função da variedade de definições teóricas de cultura presentes na literatura, optou-se por apresentar apenas uma. O relevo dado a essa, e não às demais, apenas sinaliza o aspecto a que se dará atenção especial na pesquisa, implicado por uma de suas teorias de base, a Variação como Prática Social (ver capítulo 3).

⁴ Site: <http://www.saomarcos-rs.com.br>

⁵ Fonte: Informativo RAIM 447.2 - anos base 99-2000.

2.3 CULTURA COMO SISTEMA DE PRÁTICAS

Nesta pesquisa, segue-se a definição de cultura de Foley (1997), que o autor denomina *Cultura como Prática Corporificada*. Nessa concepção, todo conhecimento é ação em um determinado contexto, isto é, ação corporificada. Tomando de empréstimo noções da abordagem de Maturana e Varela (2002) ao significado e à cognição, cultura consiste nas práticas, nas coisas que as pessoas fazem como resultado de sua história de acoplamentos estruturais⁶. Como outros seres (protozoários, por exemplo), as pessoas carregam consigo a história de interações recorrentes entre organismo e ambiente, ou *acoplamento*, como foi acima referido. A cognição é uma expressão dos acoplamentos, o que significa que os seres vivos não representam o mundo, enactam⁷ o mundo. Ou seja, cultura entendida como prática é o domínio transgeracional de práticas através do qual os seres humanos, pertencentes a um sistema social, relacionam-se, com base em sua história social de interações ou práticas.

As práticas podem ser verbais e não-verbais, e, ao mesmo tempo em que ocorrem como parte de histórias em andamento de acoplamentos estruturais sociais, contribuem para viabilizar o contínuo acoplamento. É na viabilidade de acoplamento estrutural social que as práticas são significativas.

A idéia que está por trás da noção de cultura de Foley (1997) é, segundo o autor, a mesma que fundamenta a noção de *habitus* de Bourdieu (1977, 1990). Esse autor concebe o *habitus* como um sistema de disposições duráveis que tornam os agentes propensos a agir de uma dada forma. O *habitus* produz práticas coletivas e individuais segundo esquemas gerados pela história. Foley (1997) explica que o *habitus* dá aos indivíduos um ‘senso

⁶ Maturana e Varela (2002, p. 112) explicam a noção de acoplamento estrutural: “Enquanto uma unidade não entrar numa interação destrutiva com o seu meio necessariamente veremos que entre a estrutura do meio e da unidade há uma compatibilidade ou comensurabilidade. Enquanto existir essa comensurabilidade, meio e unidade atuarão como fontes de perturbações mútuas e desencadearão mutuamente mudanças de estado. A esse processo continuado, demos o nome de *acoplamento estrutural*.”

⁷ Do inglês *enact*.

prático' - que é corporificado -, um senso de como agir em suas vidas, que orienta suas ações, mas não as determina estritamente.

Segundo Foley (1997), boa parte do *habitus* é pré-consciente e incapaz de ser modificada. As práticas fundadas no *habitus* são transmitidas de geração a geração, são inculcadas através das histórias de acoplamentos estruturais ao longo da vida, especialmente na infância.

A variação lingüística insere-se em um sistema de práticas, faz parte das disposições fundadas no *habitus*, como outros comportamentos ou práticas sociais. É por isso que se entende que o presente trabalho é estudo de uma prática social, de um elemento de cultura regional.

Como se viu nesse capítulo, a história de São Marcos, que teve origem na imigração (relativamente recente) de italianos ao Rio Grande do Sul, e a estruturação social que então se configurou estão na base de uma organização de vida que distingue rural de urbano. Na zona rural do município, caracterizada pela agricultura e criação de animais em pequenas propriedades com mão-de-obra familiar, vivem e trabalham bilíngües português-italiano. Sua fala em língua portuguesa carrega a história desse contato lingüístico, uma marca da qual é a alternância *-ão::-on*. É por isso que tratar desse processo variável implica considerar elementos sócio-histórico-culturais de São Marcos. Fundamentos teóricos para dar conta de uma pesquisa assim desenhada é o que se apresenta no próximo capítulo.

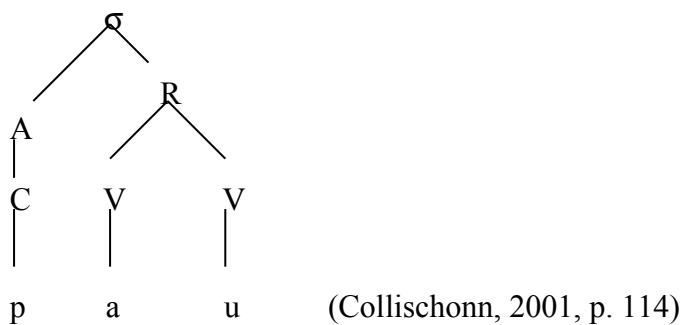
3 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, busca-se caracterizar o problema de investigação – a alternância *-ão::-on* na fala em língua portuguesa de bilíngües português-italiano, habitantes da zona rural de São Marcos – e explicitar os fundamentos teóricos da abordagem metodológica adotada. Como já anunciado na introdução, partir-se-á da definição teórica de ditongo nasal, para em seguida tratar de bilingüismo, apresentar a Teoria da Variação e Variação como Prática

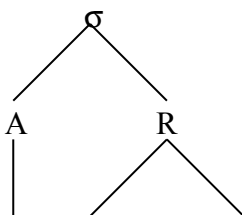
Social. Por fim, far-se-á uma revisão de estudos de variação lingüística no português brasileiro resultantes de contato entre línguas.

3.1 DITONGOS NASAIS TÔNICOS E A VARIAÇÃO NA FALA BILÍNGÜE

Na língua portuguesa, o ditongo é uma seqüência de duas vogais na mesma sílaba, uma delas o núcleo, outra, a margem da sílaba, razão porque é denominada semivogal ou glide. Uma sílaba, segundo Collischonn (2001, p.92) consiste em “um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Somente a categoria Nu pode ser vazia.” O verdadeiro ditongo, afirma a autora, é ligado a dois elementos V, conforme representação abaixo,



Conforme essa concepção, um ditongo nasal seria assim representado:



m « □

A língua portuguesa originou-se do latim vulgar, a modalidade falada do latim. Em latim, havia somente quatro ditongos, *-ae*, *-oe*, *-au* e *-eu*. Segundo Coutinho (1962, p. 74), no português arcaico, o atual ditongo *-ão*, objeto desta pesquisa, era representado por *-om* nos substantivos e verbos que em latim terminavam em *-one* e *-udine*, os primeiros, e *-unt*, os últimos, por exemplo, *port. arc. sermom*, *lat. sermone*, *ita. sermone*, *port. sermão*. Nota-se que, em português, o *n* intervocálico nasalizou a vogal precedente e caiu, o que não ocorreu com o italiano.

Em português há ditongos orais e nasais. Propostas de diferentes estudiosos procuram explicar os ditongos nasais. Câmara Jr. (2004) é o primeiro a defini-los. Segundo o autor, os ditongos nasais são, *-ão*, *-ãe*, *-õe* e *-uiN*, como em *pão*, *mãe*, *compõe*, *muito*. Esses devem ser entendidos como ditongo mais arquifonema⁸ nasal. Battisti (1997) afirma que o mais abundante é o primeiro, *-ão*. Câmara Jr. (2004) analisa o ditongo nasal como sendo ditongo mais arquifonema nasal, em que o glide é oriundo da vogal temática: /auN/ com /N/ na posição de coda, por exemplo, /paN/ - [pãw]. Vieira e Battisti (2001) relatam que Bisol (2001) concorda com Câmara Jr. (2004) e considera como derivados todos os ditongos. A autora pressupõe dois processos de nasalização:

- (i) de assimilação, em que N se expande para a vogal e adquire os traços articulatorios da consoante seguinte ou da vogal por ele nasalizada; (ii) de estabilidade que associa à rima uma nasal flutuante e estável, que não recebe traços articulatorios. O segundo processo, conforme Bisol cria o verdadeiro ditongo nasal em palavras com vogal temática, por exemplo, *irmão*, *põe*, *pão*.

(Vieira e Battisti, 2001, p. 168)

⁸ Na representação subjacente, as consoantes nasais em coda silábica são subespecificadas, isto é, sabe-se que são segmentos nasais, mas não se sabe qual o ponto de articulação que se realizará. Por isso, Câmara Jr. (2004) as representa fonologicamente como um ARQUIFONEMA nasal, isto é, um segmento subespecificado, que terá seu ponto definido na realização fonética. Ex.: /boN'dade/.

Já para Cagliari (1977), os ditongos *-ãe*, *-õe*, *-uiN* e *-ão* tônicos são sempre nasalizados se a consoante nasal não vem à superfície. Realizada a consoante nasal, o ditongo pode ou não ser nasalizado, e a qualidade da consoante nasal é determinada pela vogal. Por exemplo: *mão*, /mauN/ [ˈm̃] [ˈm̃w̃] [ˈm̃w̃].

Wetzels (1997) admite a seguinte representação subjacente dos ditongos nasais (não-derivados) do português: /ãw/ (*mão*), /ãj/ (*mãe*) e /ũj/ (*muito*). Para ele, esses ditongos geralmente ocorrem em final de palavra e atraem o acento, o que prova, como no caso das vogais nasais, a idéia de derivarem de uma seqüência bimoraica subjacente. O autor interpreta que as vogais nasais são /VN/ na subjacência, e os ditongos nasais são /ṽ/.

Segundo Battisti (1997), existem regularidades que envolvem os ditongos nasais. O ditongo *-ão*, o mais abundante em português, faz parte de (i) palavras não-derivadas, como *coração*, *feijão*, *melão*; integra (ii) sufixos como *-ção*, um dos mais produtivos da derivação deverbal, como *doar*-*doação*, *redigir*-*redação*, *ocupar*-*ocupação*; e se encontra também no (iii) paradigma da verbalização denominal, como por exemplo, *lesão*-*lesionar*, *solução*-*solucionar*, *flexão*-*flexionar*. A autora explica que a primeira regularidade é a de que todas as formas de (i), (ii) e (iii) apresentam flexão de plural em *-ões*: *coração*-*corações*, *feijão*-*feijões*, *melão*-*melões*. Além disso, dos nomes em (iii) se formam sempre verbos em *-(i)onar*, como *lição*-*leccionar*. A segunda regularidade observada pela autora é a forma como a língua concebe palavras terminadas em *-oN*, empréstimos em sua maioria. *Marron* alterna com *marrão*, *baton* com *batão*. Há até formas dicionarizadas que permitem as duas pronúncias: *pistom*-*pistão*, *cupom*-*cupão*, *garçon*-*garção*. Para Battisti (1997), o português 'acomoda' esse tipo de palavra, aproximando-a do que suas condições fonotáticas exigem, cria o ditongo a partir da seqüência *-on* em final de palavra.

A autora acredita que a formação do ditongo *-ão* ocorre da seguinte maneira: o *anusvara*⁹ evolui para [w], um glide posterior; a vogal, nasalizada

⁹ Ferre (1988, apud Battisti, 1997) denomina o "anusvara" como sendo um glide nasal sem ponto. O anusvara alimenta a nasalização da vogal vizinha que o absorve.

pelo anusvara, sofre desarredondamento, passando a [ɕ] na superfície. Tem-se assim o ditongo [ɕ].

O ditongo nasal –ão também pode ser átono e variar com vogal simples na fala de monolíngües português, como por exemplo, *órgão~órgu*, *órfão~órfu*. Nesse contexto, segundo Battisti (1997) é passível de redução. Isso se verifica com bastante frequência em formas verbais de primeira e terceira pessoas de plural, como *gostavam*, *brincavam*.

O ditongo nasal tônico -ão alterna com -on apenas na fala em língua portuguesa de bilíngües português-italiano. Não é variação peculiar ao monolingüismo português. Frosi e Mioranza (1983) registram essa influência dos dialetos no português. Segundo os autores, o ditongo -ão existente no sistema de sons da língua portuguesa inexistente nos dialetos italianos da Região Colonial Italiana (RCI). O que ocorre, explicam eles, é que o falante desconsidera a distinção entre ditongo e vogal simples, mas aplica a regra quanto à qualidade vocálica, ou seja, à nasalização. Frosi e Mioranza (1983) identificam isso como sendo interferência fônica. Segundo os autores, o problema está na estrutura do sistema dialetal italiano, originado no latim vulgar, dos nomes com final -one. A evolução se processou assim: one>on, no sistema dialetal italiano, e one>ão, no sistema da língua portuguesa. Frosi e Mioranza (1983) explicam que o falante que tem como língua materna o dialeto italiano, habituado a nunca ouvir -ão, não consegue distingui-lo de -on na fala em língua portuguesa.

Vimos que o ditongo nasal tônico –ão, pertencente ao sistema da língua portuguesa, realiza-se também como –on na fala de bilíngües português-italiano, resultado de uma situação de bilingüismo, de que trataremos a seguir.

3.2 BILINGÜISMO

Em São Marcos, zona rural, a alternância *-ãõ::-on* é uma característica fonética que distingue os que falam o dialeto italiano daqueles que não falam, ou seja, distingue o grupo bilíngüe do monolíngüe. Como veremos, isso configura uma situação de bilingüismo social do terceiro tipo (Appel e Muysken, 1996).

Para Weinreich (1974), duas línguas estão em contato quando usadas alternadamente pelo mesmo indivíduo. Isso constitui o bilingüismo, e os indivíduos que estão envolvidos são bilíngües. Segundo o autor, o bilingüismo é “a prática de empregar duas línguas alternadamente” (Weinreich, 1974, p. 11).

Para Mackey (1972), o bilingüismo pertence ao domínio da *parole*. É o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo, o que envolve variáveis como grau e função. A variável grau determina a proficiência do falante bilíngüe nas quatro habilidades básicas: fala, escrita, compreensão e leitura. Essas habilidades de linguagem do bilíngüe podem variar tanto na forma falada quanto escrita. Assim, Mackey (1972) afirma que é necessário testar cada uma dessas habilidades em separado para avaliar o grau de bilingüismo do falante. Os falantes bilíngües envolvidos nesta pesquisa possuem o domínio maior da compreensão do que o domínio da expressão, porque a fala dialetal italiana foi transmitido a eles oralmente, em família, sendo restrita seu emprego fora do ambiente familiar. Os domínios da escrita e leitura são mais restritos ainda por causa do não enquadramento da língua italiana nos currículos escolares.

A variável função, segundo Mackey (1972), determina o uso e as condições pelas quais o bilíngüe utiliza a língua. Pode ser externa ou interna. As funções externas do bilingüismo são determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação de cada uma em duração, freqüência e pressão. As áreas de contato incluem todo o meio pelo qual as línguas foram adquiridas e utilizadas – o uso da língua em casa e na comunidade são os dois meios mais utilizados pelos falantes bilíngües desta pesquisa. A influência de cada um deles

nos hábitos de linguagem do bilíngüe depende da, (i) *duração* do contato. Esta pesquisa mostra que um bilíngüe da faixa etária 50 ou mais anos conhece mais a fala dialetal italiana do que um jovem da faixa etária 15 a 25 que só ouve falar em raras ocasiões; da, (ii) *freqüência*; da, (iii) *pressão*. Em cada uma das áreas de contato pode haver um número de pressões que influenciam o bilíngüe no uso de uma língua mais do que em outra.

Appel e Muysken (1996) distinguem dois tipos de bilingüismo: o bilingüismo social e o individual. O bilingüismo social se produz em sociedades em que se falam duas línguas ou mais. O bilingüismo individual, segundo os autores, se produz no indivíduo que fala duas ou mais línguas, ou seja, é o bilingüismo observado de cada um. Para este estudo, interessa o bilingüismo social (Appel e Muysken, 1996). Ressaltam os autores que todas as sociedades são bilíngües por causa da existência de diferenças quanto ao grau ou à forma de bilingüismo. Os autores distinguem três tipos de bilingüismo social. No primeiro, as duas línguas são faladas por dois grupos diferentes e cada grupo é monolíngüe. No segundo tipo de bilingüismo social, todos os falantes são bilíngües. No terceiro tipo, que interessa para o presente estudo, um grupo monolíngüe convive com outro bilíngüe. Na família estudada, pôde-se observar que os pais, praticam a fala dialetal italiana, os filhos, não. A fala em língua portuguesa prevalece quando os filhos interagem com os pais e a fala dialetal italiana, com misturas do português, quando os pais falam com os filhos.

A generalização que concebe o bilingüismo como o igual domínio de duas línguas não cabe à realidade de nossa região, porque não há esse uso alternado do português e da fala dialetal italiana. A língua portuguesa supera o uso da fala dialetal italiana entre os bilíngües, ficando essa restrita às conversas familiares e informais. Na realidade, são poucos os que praticam a fala dialetal italiana, e os que falam utilizam-na alternadamente com o português, predominando esse uso alternado principalmente em falantes jovens e de meia idade. Um exemplo são os falantes bilíngües do grupo em estudo: os que se situam na faixa etária 15 a

25 e 30 a 45 utilizam em seu repertório familiar a língua portuguesa com mais frequência do que a fala dialetal italiana; já os da faixa 50 ou mais utilizam mais a fala dialetal italiana do que a língua portuguesa na família.

Um exemplo comparativo de categorização de falantes conforme as habilidades de uso da língua encontra-se em Mougeon e Beniak (1995). Os autores realizam um estudo sociolinguístico em uma comunidade de fala bilíngüe francês-inglês, em Ontário, no Canadá. Discutem a questão da variação/mudança linguística em um contexto bilíngüe, investigando o impacto que o bilingüismo, o contato e o uso linguísticos têm na estratificação social e na mudança linguística. Os autores utilizam dois *corpora* de fala para a pesquisa: falantes adultos de francês, que são minoria, e jovens adolescentes de quatro localidades. Dividem os sujeitos em três grupos: (i) irrestritos, usam bastante o francês; (ii) semi-restritos, usam menos o francês; (iii) restritos, usam pouco o francês. Os autores chegaram à conclusão de que o contato linguístico e as restrições funcionais se mostram como sendo as causas externas principais de vários tipos de inovações e mudanças linguísticas, e que o fator classe social desempenha um papel secundário no surgimento dessas mudanças. A situação de bilingüismo existente na comunidade de fala desta pesquisa parece se encaixar na divisão dos grupos feita por Mougeon e Beniak (1995). É o que se pode observar no Quadro 1. Nele constam informações sobre a classificação – irrestritos, semi-restritos e restritos – que se fez dos falantes bilíngües, informantes do BDSer, considerados nesta pesquisa conforme a proposta dos autores acima citados, e a partir das informações constantes nas fichas sociais. Para cada classificação, os bilíngües foram agrupados de acordo com sua idade, escolaridade (Fund-Pri, Fund-5^a à 8^a, Me e Su), gênero (homem e mulher) e habilidades com o dialeto italiano.

Quadro 1: A fala dialetal italiana em São Marcos (zona rural) conforme MOUGEON E BENIAK (1995).

Falantes	Idade	Habilidades com o dialeto italiano	
Irrestritos	50 ou +	Com quem fala	Familiares, vizinhos e amigos.
		Onde e quando	Em família, na comunidade. Situações informais de conversas em jogos de baralho, contação de estórias e trabalho.
Semi-restritos	30 a 45	Com quem fala	Familiares e amigos.
		Onde e quando	Em família, na comunidade. Situações informais de conversa.
Restritos	15 a 25	Com quem fala	A maioria não fala o dialeto, mas o compreende bem, em interações familiares.
		Onde e quando	Em família. Situações informais de conversa.

O Quadro 1 mostra que a idade desempenha papel importante frente à proficiência na fala dialetal italiana: Os mais velhos (50 ou mais anos), irrestritos, são os que praticam a fala dialetal italiana com bastante frequência com amigos, familiares e vizinhos em qualquer prática que estejam realizando, seja conversas, trabalho na agricultura, no trabalho ou socialmente; Os de meia idade (30 a 45 anos), semi-restritos, praticam a fala dialetal italiana com menos frequência que os mais velhos. Falam com pessoas da mesma idade ou com mais idade, por exemplo, com familiares, amigos e vizinhos, em situações informais, na comunidade, na família; Os mais novos (15 a 25 anos), restritos, praticam a fala dialetal italiana com pouca frequência e quando o fazem, falam algumas expressões com sotaque aos mais velhos. Entre os jovens é raro a prática da fala dialetal italiana, prevalecendo a fala em língua portuguesa.

3.2.1 BILINGÜISMO E IDENTIDADE EM SÃO MARCOS

Segundo Appel e Muysken (1996), tudo aquilo que diferencia um grupo de outro constitui a identidade do grupo. Para os autores, não há critérios fixos. Por exemplo, um grupo se considera grupo étnico com uma identidade étnica específica quando é suficientemente diferente de outros grupos. A identidade étnica, segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 40):

“se constrói a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta idéia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas”.

(Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p.40)

Com relação à língua, Edwards (1981, apud Appel e Muysken, 1996) diz que ela é uma das manifestações mais óbvias de identidade e também muito suscetível à substituições

ou deteriorações. A língua falada pelos bilíngües, ressalta o autor, pode manter uma função ritual e também pode preservar outros sinais de identidade, sempre que tenham alguma função na vida privada dos indivíduos.

Segundo Penna (2002), a língua enquanto prática de fala cria e identifica o pertencimento ao grupo social, embora não tenha em princípio qualquer papel essencial ou constitutivo na identidade social. O papel da língua, segundo Penna (2002), como qualquer elemento ou prática cultural, depende do modo como é aprendida e elaborada simbolicamente pelo grupo ou indivíduo.

Praticar a fala dialetal italiana não é só forma de comunicar, mas principalmente prática social e identitária. Pão~pon, sabão~sabon são exemplos de maneiras de expressão originadas pelo contato entre os dois sistemas lingüísticos, o português e o italiano. Em São Marcos, ocorrências dessa natureza são próprias do falar de bilíngües, distinto do falar de monolíngües-português. Esses bilíngües se distinguem não só pelo modo como falam, mas também pelas normas e valores culturais que seguem, pelas práticas em que se engajam, uma vez que essas permitem e, por que não dizer, sustentam a prática bilíngüe. É nessa medida que a alternância em questão é variação estilística e, portanto, identitária. Eckert (2005) explica que o estilo é uma prática, uma atividade na qual as pessoas criam significado social. A identidade tem a ver com formas de empenho em comunidades de prática e no mundo em geral e também com o engajamento na prática social do dia-a-dia.

3.2.2 CONTATO ENTRE LÍNGUAS, VARIAÇÃO E MUDANÇA

Alternar, na fala, ao se dizer pão~pon, sabão~sabon corresponde a duas maneiras distintas de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, as formas que variam não numa

comunidade de fala monolíngüe, como os estudos variacionistas têm investigado (Mougeon e Beniak, 1995), mas em comunidade de fala bilíngüe, onde o contato entre português e o italiano originou uma interinfluência lingüística (Sankoff, 2002) em nível fonético, que é variável na fala em língua portuguesa, e que pode estar associada à mudança lingüística.

Em relação à mudança lingüística, Faraco (1998) afirma que não é qualquer diferença na fala entre gerações ou entre grupos socioeconômicos que estará indicando mudança. Salienta que nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação. O autor diz que isso significa que a língua é heterogênea, multifacetada, e que as mudanças vêm dessa heterogeneidade, embora nem todo fato heterogêneo venha a ser mudança.

A variação em questão pode indicar um processo em regressão: quem usa a variante *-on* com mais freqüência são falantes da faixa etária 50 ou mais anos, ficando assim mais suscetível ao desaparecimento conforme o passar dos anos. A realização de *-on* é estigmatizada socialmente, a realização de *-ão*, não. A perspectiva, então, é a de que futuramente a alternância *-ão:-on* deixe de existir na fala da comunidade investigada. Os resultados desse estudo poderão confirmar essa tendência.

3.2.2.1 INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA

Quando se fala de línguas em contato e mudança, vem à tona a questão do bilingüismo e relativamente a isso a questão da interferência fonológica (Weinreich, 1974). De acordo com Weinreich (1974, p.19), o termo ‘interferência’ refere-se “àquelas instâncias de desvio de normas de qualquer língua que ocorrem na fala de bilíngües como resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como resultado do contato lingüístico.” A

alternância de ditongo nasal tônico *-ão:-on* na fala de bilíngües, da zona rural de São Marcos, configura uma tal situação de interferência fonológica.

Weinreich (1974) explica que a interferência fonológica resulta no modo como o falante percebe e produz sons de uma língua, que ele chama de secundária, em relação a uma outra, que chama de primária. Ocorre interferência quando o bilíngüe identifica um fonema do sistema secundário – a língua portuguesa - como um do sistema primário – o dialeto italiano - e, ao reproduzi-lo, o associa às regras fonéticas da língua primária.

Segundo Mackey (1972) interferência é o uso de características pertencentes a uma língua quando se fala e escreve outra. A interferência fonológica afeta as unidades e estruturas de entonação, ritmo, encadeamento e articulação. No que concerne a este estudo, é a articulação o que está em questão, identificada com a inclusão de um sotaque estrangeiro, como quando um bilíngüe português-italiano alterna *-ão~-on*.

Para Haugen (1972), todo empréstimo envolve um processo de reprodução. Empréstimo fonológico é a transferência de um som nativo para outra língua. A substituição é ouvida como uma “pronúncia estrangeira” por falantes nativos.

Sankoff (2002) relata que os resultados lingüísticos do contato entre línguas são determinadas, na maioria das vezes, pela história das relações sociais entre as populações, incluindo fatores econômicos, políticos e demográficos. Segundo a autora, o nível fonético/fonológico constitui um espaço privilegiado de interinfluência lingüística. Para Sankoff (2002), a mudança fonológica é característica de falantes adultos de língua estrangeira. Ressalta que, quando esses falantes constituem um segmento importante da comunidade de fala, eles podem ter uma influência muito forte em causar mudanças fonológicas.

A alternância *-ão~-on* constitui variação fonético-fonológica que tem na Teoria da Variação Lingüística base para seu estudo. É sobre esse modelo de análise a seção seguinte.

3.3 TEORIA DA VARIAÇÃO

Segundo Hora (1997), os neogramáticos foram os primeiros a observarem a regularidade na mudança dos sons. Conforme eles, as mudanças lingüísticas são regidas por leis, as exceções às mudanças são explicadas por analogia. Por meio da analogia, procuram explicar tudo aquilo que não era categórico. Para Hora (1997), isso constitui o que hoje chamamos de variação.

Ao final do século XIX, Saussure, em seu conhecido Curso de Lingüística Geral, afirma que a língua tem um lado individual (*parole*) e um lado social (*langue*) que não podem ser concebidos isoladamente. Segundo o autor, a língua é o produto que o indivíduo registra passivamente e a fala é um ato de vontade e inteligência. Saussure concebe a língua na coletividade, pois se encontra depositada no cérebro dos falantes; já a fala, onde se instância a variação, é vista como manifestação da língua, é individual e momentânea. A visão saussuriana concebe o sistema sincrônico de uma língua como estático e homogêneo, desprezando assim suas formas variáveis.

A partir dos anos 1950, Chomsky reformulou a dicotomia de Saussure contrapondo o que denominou *competência* – o conhecimento abstrato de regras de uma língua – e *desempenho* – o efetivo uso das regras. Segundo o autor, um dos principais representantes gerativistas, a teoria lingüística deve preocupar-se com um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade lingüística homogênea, que concebe sua língua perfeitamente e não afetada por irregularidades no seu desempenho real.

Segundo Hora (1997), os gerativistas não desenvolveram pesquisa em relação à variação. Eles conceberam a língua como homogênea e estática como base para sua descrição.

O autor explica que, enquanto Saussure se interessava pelo que o indivíduo ouvia, a formulação chomskiana se interessava pela intuição do falante.

A lingüística, dessa forma, é definida de tal modo que exclui o estudo do comportamento social e também o estudo da fala. Uma nova visão acerca da língua procura enfatizar alguns dos aspectos deixados para trás pelos gerativistas e outros predecessores. Essa é a visão da Teoria da Variação.

Os variacionistas, segundo Hora (1997), surgiram opondo-se à ausência do componente social no modelo gerativista e introduziram o modelo teórico-metodológico chamado Teoria da Variação Lingüística. O estudioso identificado como proponente desse modelo é William Labov. Labov enfatiza na relação entre língua e sociedade e a necessidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Para Tarallo (1997), é chamada por muitos de Sociolingüística Quantitativa, porque essa teoria prevê análise lingüística com tratamento estatístico dos dados.

Hora (1997) afirma que os variacionistas procuram descobrir padrões de uso, ou regularidades de uma amostra inteira de fala. Essas regularidades são parte da estrutura da língua e são condicionadas lingüística e socialmente. O objeto de descrição desses estudiosos é a fala de indivíduos em uma comunidade de fala. Dessa forma, um importante aspecto de um estudo nesta perspectiva envolve a entrada na comunidade, onde a observação da fala em seu contexto social seja possível. Um objetivo específico desse procedimento, explica Hora (1997), é garantir o acesso ao vernáculo, à fala o mais espontânea possível em situações naturais.

A sociolingüística quantitativa, segundo Pagotto (2001), preocupa-se mais com resultados descritivos, e nem tanto com o significado social desses resultados. Assim, surge nos anos 90 uma tendência de análise qualitativa nos estudos variacionistas, consagrada por Eckert (2000, 2005): Variação como Prática Social. Visa a articular a análise quantitativa com

a qualitativa. Os valores atribuídos às variantes são captados por meio da observação das práticas sociais dos informantes. Nas duas seções seguintes, abordaremos com mais profundidade essas duas perspectivas de estudo da variação lingüística, a variação na estrutura e a variação como prática social.

3.3.1 VARIAÇÃO NA ESTRUTURA

A Teoria da Variação Lingüística estuda a língua em seu contexto social, ou seja, o interesse está nas formas variáveis como parte da estrutura da língua, condicionadas tanto por fatores sociais (idade, sexo, escolaridade) como por fatores lingüísticos (contexto fonológico precedente, número de sílabas do vocábulo). Em toda comunidade de fala, são freqüentes as formas lingüísticas em variação, as variantes lingüísticas. Ao conjunto dessas dá-se o nome de variável lingüística, que, segundo Pagotto (2001), permite conceber o sistema lingüístico como sendo heterogêneo e torna possível a interseção entre o sistema lingüístico e a estrutura social da comunidade.

Labov (1983, p. 174) afirma que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam, todos, as mesmas formas; é melhor definida como um grupo que partilha as mesmas normas em relação à língua”. Por uma afirmação como essa, explicam Battisti e Bovo (2004), a comunidade de fala define-se pelos padrões de uso da língua, ou seja, pela norma, e não pelas formas partilhadas pelos falantes. Esses contam somente como representantes da comunidade, definida pelo pesquisador por meio de categorias sociais, como gênero, idade, escolaridade, que propõe e controla na análise.

Uma variável lingüística, segundo Labov (1983) se define por ser: (i) um elemento do sistema lingüístico; (ii) controlada por uma única regra; (iii) e por comportar pelo menos duas formas variantes; (iv) essas, passíveis de contagem. A variável lingüística é uma entidade do domínio lingüístico e social. Dessa forma, o sistema heterogêneo é considerado como uma estrutura.

As formas variantes não ocorrem simplesmente por opção do falante, mas, segundo Brescancini (2002), obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, as regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente lingüístico e do contexto social. Essa maneira de pensar a variação foi inaugurada por William Labov, em 1966, com o estudo da *Estratificação Social do Inglês*, da cidade de Nova York, no qual apresenta a base sólida, segundo Eckert (2005), para o estudo das formas variantes regidas por regras variáveis.

3.3.1.1 ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

A Teoria da Variação e a análise de regra variável foram introduzidas por Labov (1969), e dão conta da variação estruturada, regida por regras de uso da língua. Essa análise deve ser quantitativa (Labov, 1969), envolverá contagem das ocorrências da variável, a descrição das tendências e da extensão da variabilidade, bem como dos fatores que a influenciam, por meio de métodos estatísticos. Guy (1998) explica que a análise de regra variável tem que ser necessariamente multivariada, tentativa de modelar os dados como uma função de diversas forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem estar atuando em distintas direções. Tal análise deve ter um grande *corpus* de observações da

variável em muitos contextos, e envolver a parcialização dos diversos efeitos, controlando-se um de cada vez.

Guy (1998) explica que cada uma das dimensões analíticas do contexto que determina se a regra se aplica ou não é chamada de “grupo de fatores”. Na análise quantitativa, cada fator recebe um peso, um número entre zero e um, que caracteriza o efeito desse fator sobre a regra variável em questão. E, finalmente, um conjunto total de dados é caracterizado por uma “probabilidade de input” (p_0) que é uma medida global do índice de aplicação da regra. Segundo o autor, usa-se uma função matemática para combinar os valores dos fatores e a probabilidade de input, com o objetivo de produzir os índices esperados de aplicação da regra em cada célula. A função matemática mais usada atualmente pela sociolinguística quantitativa é a Função Logística, desenvolvida por Rousseau e Sankoff, em 1978. Sua fórmula é:

$$\frac{P}{(1-P)} = \frac{P_0}{(1-P_0)} \times \frac{p_1}{(1-p_1)} \times \dots \times \frac{p_n}{(1-p_n)}$$

P é uma probabilidade global de aplicação da regra em presença de um fator de cada variável; P_0 é a probabilidade input e $p_1 \dots p_n$ correspondem ao peso relativo de cada fator.

Figueroa (1994) discute o trabalho de Labov numa perspectiva metateórica, e afirma que a sociolinguística laboviana é herdeira do estruturalismo de Saussure. Para Labov, há a *langue*, que se caracteriza como sendo a estrutura regida por regras dentro do sistema lingüístico, e também a *parole*, que é o uso, a fala onde se encontram as variantes regidas por regras variáveis, que são condicionadas tanto por fatores lingüísticos como extralingüísticos. Para Battisti e Bovo (2004), a sociolinguística de Labov é realista no sentido mundano do termo, ou seja, a visão do mundo realista diz que o mundo existe independentemente de nossa cognição. O mesmo ocorre com a língua, que não é estudada como interação, mas sim como

fato social. A língua existe para todos, e é geral na sociedade, exercendo restrições sobre os indivíduos sem que esses tenham consciência disso.

Segundo Battisti e Bovo (2004), o modelo de Labov prova ser instrumento valioso no fornecimento de dados sincrônicos que permitam detectar mudanças em curso. Além disso, os variacionistas obtêm um modelo quantitativo que permite extrair regularidades a partir de dados empíricos, e descobrir diferenças sistemáticas entre os falantes associadas ao ambiente lingüístico e ao contexto social. As vantagens desse método de análise, explicam as autoras, é a sua replicabilidade, pode-se repetir o experimento tantas vezes quanto se desejar, e chegar a resultados idênticos, e também a possibilidade de comparabilidade dos estudos nessa perspectiva teórica. Estudar a variação lingüística na perspectiva laboviana significa categorizar as variantes da língua não somente no contexto lingüístico, mas também no contexto social tendo em vista a visão do analista e não do indivíduo. Uma proposta que visa a complementar essa visão está na seção que segue.

3.3.2 VARIAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL

A tendência atual de análise qualitativa nos estudos variacionistas liga-se a Eckert (2000). A autora não apenas combina técnicas etnográficas ao estudo quantitativo da variação, conectando as alternâncias sistemáticas com as complexidades da prática social, como também propõe uma diferente forma de conceber e abordar a língua que amplia a compreensão própria da variação lingüística.

Eckert (2000) realiza um estudo variacionista e etnográfico numa escola de segundo grau, nos subúrbios de Detroit, a Belten High, num período de 2 anos, para estudar a natureza de classe entre adolescentes, isto é, para dar relevância à classe para essa faixa etária. São os adolescentes que lideram nas mudanças sonoras, e no uso do vernáculo.

O trabalho etnográfico foi realizado nas escolas de segundo grau, na área suburbana de Detroit, onde Eckert (2000) pôde observar a relação entre a prática social adolescente e a mudança vocálica, nas cidades do Norte, que caracteriza o dialeto dos brancos da área de Detroit. A autora averiguou que a classe estava articulada nessa ordem social, de um lado, através da orientação para a instituição escolar, e de outro, da orientação para a área urbana. Observou que, nas escolas em que realizou etnografia havia duas categorias sociais opostas: os Jocks e os Burnouts.

Os Jocks constituem uma cultura de classe média, baseando suas redes, identidades e vida social na escola. Eles constituem uma hierarquia apertada e competitiva baseada na esfera extracurricular. Eles evitam Detroit, exceto pelos contatos institucionais, como museus, eventos de atletismo profissionais, e planejam deixar a área local quando chegarem a faculdade e estabelecer novas redes.

Os Burnouts, ao contrário, constituem uma cultura da classe trabalhadora. Rejeitam a instituição como uma base para a vida social e a identidade, baseando suas redes, identidades e vida social no bairro e na área urbana das redondezas. Eles pretendem encontrar trabalho nas empresas e indústrias do local e da área urbana quando se formarem.

Eckert (2000) ressalta que, essa oposição Jocks e Burnouts resulta da necessidade de compartilhamento de recursos no ambiente confinador da escola – instituição que favorece os Jocks. Esses mantêm relações colegiais com os professores e a administração da escola, enquanto que, aqueles mantêm uma oposição à escola, rejeitando sua função. Essa oposição, segundo Eckert (2000), é hostil e é mantida por meio de uma ampla variedade de meios

simbólicos: vestimentas, postura e movimento corporal, maquiagem, cabelo, território, uso de substâncias, atividades de lazer, participação na escola, orientação urbana. Para a autora, essas são diferenças ideológicas – as relações dos Jocks são hierárquicas, ao passo que, a dos Burnouts são igualitárias. Os Jocks expandem suas redes para aumentar seu círculo baseado na escola, enquanto que as redes de amizade dos Burnouts são firmemente baseadas no bairro e se expandem para ganhar acesso à área urbana. Os Jocks, assim, acreditam que os Burnouts são irresponsáveis e anti-sociais, enquanto que os Burnouts acreditam que os Jocks são desleais e orientados pelo status.

Eckert (2000) explica que, as categorias não são grupos, mas são grupos de rede compostos de grupos de amizade que juntos orientam à prática Jock ou Burnout. A autora acredita que essas categorias podem ser vistas como sistemas de demarcação de classes.

A autora estudou a mudança lingüística, nas cidades do norte: uma rotação das vogais baixas e médias - /ɪ/, /ɛ/, /ɔ/, /ʌ/, /ɒ/. Todas as cinco vogais envolvidas nessa mudança apresentam correlações sociais nos adolescentes de segundo grau. Dessas mudanças, três - /ɪ/, /o/, /oh/ - são velhas, ou seja, aparecem na fala das pessoas de todas as idades da área de Detroit e também espalhadas na área suburbana. O posterioramento de /e/ e /uh/ são mais novas. Eles aparecem somente na fala de gerações mais jovens e são mais avançadas perto da cidade e na cidade. Além disso, há um aumento no núcleo de /ay/, também mais forte na cidade. O núcleo aumenta para tão alto quanto [U]. Essas três últimas variáveis são urbanas - /e/, /uh/, /ay/ - e oferecem um valor simbólico considerável. Para manter sua maior orientação urbana, os Burnouts fazem maior uso das mudanças urbanas que os Jocks.

A autora, com esse estudo, objetivou dar realidade às identidades associadas aos dados lingüísticos. Enfatiza que foi um esforço para se chegar mais próximo ao significado social da variação, para entender os significados locais particulares que a população adolescente associa com o estilo lingüístico. Eckert (2000) examina a variação e encontra, por

meio da etnografia, duas categorias sociais opostas e salientes que dominam a ordem social da escola: os Jocks e os Burnouts. Para a autora, essas categorias são o reflexo da classe socioeconômica.

Os significados das variáveis, explica Eckert (2000), não são encontrados numa associação simples de variação com a categoria social, mas no significado de ser um Jock e de ser um Burnout. A autora afirma que categorias como essas surgem ao redor de práticas sociais salientes na comunidade, que possibilitam uma diferenciação e separação entre pessoas com base na participação nessas práticas sociais. Neste ponto, segundo Eckert (2000), surge a distinção entre a teoria da variação como estrutura e a variação como prática social.

Na variação como prática social a língua é concebida como uma prática social – processo pelo qual experienciamos o mundo e o nosso engajamento nele. Os falantes são constituintes, não representantes de categorias sociais; concebe os falantes como construtores do significado social da variação. Eckert (2000) afirma que, para capturar o processo de produção de significado, é preciso focar num nível de organização social – a comunidade de prática – no qual identidades individuais e de grupo estão sendo co-construídas. A autora explica que o indivíduo dessa forma pertence à ordem social através de formas estruturadas de engajamento. É o indivíduo que constrói uma identidade – um sentido de estar no mundo social – ao participar em comunidades de prática e ao atuar em cada uma delas.

Uma comunidade de prática, segundo Eckert e McConnell-Ginet (1992) e Eckert (2005), constitui-se de um agregado de pessoas que se reúnem regularmente ao redor de algum empreendimento. Práticas emergem no decorrer desse esforço mútuo. Unidas, as pessoas desenvolvem e dividem formas de fazer as coisas, formas de conversar, crenças, valores, enfim, práticas, como uma função de seu engajamento coletivo em atividade. Podem ser comunidades face-a-face, tais como famílias – comunidade de prática deste estudo – ,

igrejas, condomínios, associações de pais e professores, etc. A família, para Eckert (2000), é considerada como a primeira e legítima comunidade de prática.

Uma comunidade de prática caracteriza-se pelo (i) *engajamento mútuo*: a prática não existe no abstrato, ela existe porque as pessoas estão envolvidas em ações, cujos significados são negociados. A prática reside em uma comunidade de pessoas e das suas relações, portanto, pertencer a uma comunidade de prática, é uma questão de engajamento mútuo; (ii) *empreendimento conjuntamente negociado*: é um processo que produz relações de responsabilidade que não são apenas limitações fixas ou normas. Essas relações são manifestas como uma habilidade para negociar ações, enquanto responsáveis por um certo empreendimento; (iii) *repertório partilhado*: inclui rotinas, palavras, ferramentas, maneiras de fazer, histórias, gestos, símbolos, gêneros, ações ou conceitos que a comunidade produziu, adotou no curso de sua existência e que tornaram-se parte de sua prática. Desse modo, uma comunidade de prática é um domínio que se define por um processo de aprendizagem social; é um agregado de pessoas que negociam, aprendem práticas que contribuem para a satisfação de um objetivo comum.

Uma comunidade de prática tem outras características importantes. Meyerhoff (1999) refere Wenger (1998), que lista-as: (i) rápido fluxo de informação e propagação da inovação; (ii) ausência de preâmbulos e rápido estabelecimento de um problema a ser discutido; (iii) sobreposição substancial nas descrições dos participantes de quem pertence a uma comunidade de prática e das identidades definidoras; (iv) existência de piadas, estórias, artefatos e representações específicas; (v) jargão e abreviações na comunicação; (vi) discurso partilhado que revela uma certa perspectiva no mundo.

A identidade individual, segundo Eckert (2000) emerge no processo de articulação e resolução de participação em comunidades de prática. Para ela, o estudo de significado em variação sociolinguística é um estudo da relação entre variação e identidade,

que têm a ver com formas de empenho em comunidades de prática e no mundo em geral. Um estudo de significado social em variação vê falantes como agentes na construção contínua e na produção do sistema lingüístico. Segundo Eckert (2000), o significado social em variação não se configura num conjunto estático de associações entre variáveis lingüísticas internas e variáveis sociais externas, é continuamente criado por meio do empenho lingüístico social mútuo dos falantes. A implicação metodológica de um estudo como esse é realizar observação participante.

No presente estudo, a família, comunidade de prática, constitui um espaço onde se definem as formas de fazer as coisas, em que práticas transgeracionais são aprendidas. É ponto de confluência de indivíduos que, por seu turno, são membros de outras comunidades de prática e assim participam da ordem social. Um aprofundamento do conceito de família como unidade da estruturação social pode auxiliar na compreensão de seu papel frente à variação em estudo.

3.3.2.1 FAMÍLIA

Segundo Beltrão (1973), a família é um grupo social que se caracteriza por ter comum residência, colaboração econômica e reprodução. Nela incluem-se adultos de ambos os sexos e um ou mais filhos dos adultos que vivem juntos. A família organiza-se em três tipos: (i) família nuclear ou conjugal, que é o tipo de família mais fundamental, elementar e universal na sociedade ocidental, afirma Beltrão (1973). É composta pelo marido, pela mulher e seus respectivos filhos; (ii) família poligâmica, composta de dois ou mais núcleos conjugais, incluindo vários matrimônios e tendo um progenitor – masculino ou feminino – comum que os une num conjunto mais amplo; e (iii) família extensa, composta de duas ou mais famílias nucleares, formando uma família única. Existe a relação parental entre pais e filhos, ou seja,

abrange a família nuclear do adulto casado e a de seus pais. O primeiro tipo de família caracterizado por Beltrão (1973) corresponde à organização familiar dos descendentes de imigrantes italianos em nossa região. Essa baseia-se na união socialmente reconhecida de um homem, de uma mulher e o reconhecimento da filiação e da transmissão de nome através do homem.

Entre os tipos históricos e existentes de famílias, ressalta Beltrão (1973) que a família patriarcal é a que mais se aproxima da construção da família institucional, devido à preservação de usos e costumes, da religião e da lei, da subordinação dos indivíduos componentes da família e da autoridade do tronco patriarcal. A família patriarcal é autoritária e autocrática e, segundo Beltrão (1973), se conforma aos deveres e à tradição. Segundo De Boni e Costa (1982), a família dos descendentes de imigrantes italianos é essencialmente patriarcal pela importância dada ao homem.

A família, de acordo com Herédia (2004), é uma das instituições básicas aos imigrantes italianos e é ainda preservada hoje pelos seus descendentes. A família, segundo a autora, constitui a base da transmissão de valores como língua, educação, religião, preservação dos bens, trabalho, e contribuiu para a manutenção do sistema social.

Do ponto de vista sociolinguístico, a família pode ser vista, segundo Hazen (2002), como um agrupamento intermediário entre o indivíduo e a comunidade de fala. Sendo assim, a família seria um subgrupo da comunidade de fala, ou seja, uma comunidade de prática (Eckert e McConnell-Ginet, 1992; Eckert, 2005).

Hazen (2002) afirma que, ao focar os efeitos de variação dentro da família, duas possíveis influências poderiam ser demonstradas com os padrões de variação na linguagem familiar: transferência de padrões de filhos para pais, ou transferência de padrões de pais para filhos (Hazen, 2002). A transferência mais freqüente de padrões de variação de linguagem é o próprio processo de aquisição de linguagem, de pais para filhos. Hazen (2002) relata quatro

tipos de padrões familiares pelos quais as crianças podem variar em relação aos pais e à comunidade, (i) as crianças podem padronizar com os pais; (ii) as crianças podem padronizar com a comunidade; (iii) os padrões das crianças podem estar entre o dos pais e o da comunidade; (iv) as crianças em uma família podem dividir-se, podendo padronizar umas com os pais, outras com a comunidade.

Hazen (2002) relata que a variação de linguagem pode ocorrer tanto no interior da comunidade de fala quanto em indivíduos ou unidades sociais menores, como a família. O autor refere estudos sociolingüísticos da família que utilizam a noção de comunidade de prática, o que tem como consequência admitir a idéia de que seus membros seguem os padrões sociolingüísticos da família ao mesmo tempo em que, como membros de outras comunidades de prática – clubes, grupo de amigos, times esportivos, permitiriam que as normas sociolingüísticas da família viessem a competir com outras de comunidades de prática distintas.

Hazen (2002) aponta que, ao analisar uma família, influências sutis dos pais, como prestígio das características dialetais devem ser considerados. Cita como exemplo a pesquisa de Surek-Clark (2000, apud Hazen, 2002), em Curitiba. A autora faz um estudo com 41 informantes e chega à conclusão de que uma criança precisava que tanto o pai quanto a mãe fossem de Curitiba para que ela adquirisse o padrão de Curitiba. Se um dos pais possuísse um dialeto de maior prestígio, como o carioca, então os padrões da criança poderiam não ser os de Curitiba. Esses resultados indicam que a pressão que vem do interior da família em relação à acomodação do dialeto de maior prestígio dentro do lar pode ter um efeito mais forte do que a pressão dos colegas que vem de fora.

Hazen (2002) adere a essa idéia. Para ele, a família tem uma influência predominante nos índices de variação do que o estabelecimento de padrões de mudança de linguagem não encontrados na comunidade de fala. Hazen (2002) conclui que descrever como

a família afeta os padrões de variação de linguagem requer investigação rigorosa das identidades dos membros da família, a integração da família em modelos de comunidade de fala, e análise quantitativa dos padrões de variação de linguagem na família. Como veremos (capítulo 5), a família concebida como uma comunidade de prática em São Marcos tem características peculiares, próprias de bilíngües, principalmente no modo como se expressam oralmente entre si, com seus vizinhos, parentes e amigos. Essas características a fazem diferente de outras famílias que não são bilíngües.

3.4 REVISÃO DE LITERATURA: contato entre línguas e variação

No Brasil, é relativamente pequeno o número de estudos variacionistas que focalizam o contato entre línguas e desconhece-se algum que tenha tratado da alternância – *ãõ::-on*. Assim, revisam-se a seguir apenas alguns trabalhos, de modo a aprofundar a questão do contato entre línguas na perspectiva variacionista e, dessa forma, complementar a caracterização do tema em investigação.

Far-se-à uma revisão de Rossi (2000), que estuda a variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas de Chapecó-SC e Flores da Cunha-RS; Spessato (2001), que faz um estudo sobre a vibrante em Chapecó-SC; Rigatti (2003) que investiga a realização do rótico no *onset*, na fala de Luzerna-SC e Panambi-RS, regiões de imigração alemã; Bovo (2004), que estuda a variação da vibrante e seu valor social na fala de informantes de três comunidades rurais de Caxias do Sul-RS; e de Margotti (2004), que estuda a difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil.

Rossi (2000), que realiza seu estudo em duas cidades sulinas, Chapecó e Flores da Cunha, objetiva analisar a variação da vibrante múltipla em posição intervocálica, na fala de

descendentes de italianos. Os dados para a análise provém do projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul): 32 informantes, 16 de cada cidade, selecionados levando-se em conta a etnia (italiana), a idade (de 25 a 50 anos e com mais de 50 anos), o sexo (masculino e o feminino) e a escolaridade (Primário e Ensino Colegial). A autora levou em consideração cinco variáveis lingüísticas (Contexto Anterior, Contexto Posterior, Tonicidade da Sílabas, Número de Sílabas e Classe de Palavra).

A análise das 1.044 articulações do *r* mostrou que 49% das ocorrências foram para a vibrante múltipla apicodental ([r]), 46% para tepe ([ʀ]) e 5% para constrictiva velar ([x]). A análise dos grupos de fatores sociais relevantes mostrou que as variáveis sociais desempenharam um papel significativo frente à realização da vibrante múltipla: *Escolaridade*, *Idade* e *Sexo*, para os informantes de Chapecó, e *Sexo*, *Escolaridade* e *Idade*, para os de Flores da Cunha.

Rossi (2000) pôde constatar no decorrer de seu estudo a existência de interferência lingüística. Constatou também que está havendo uma provável mudança lingüística progressiva em curso: falantes da faixa etária 25 a 50 anos realizam mais a vibrante múltipla apicodental do que aqueles com mais de 50 anos, que produzem mais tepe.

A autora apontou em seus resultados uma forte influência dos fatores sociais na realização da *vibrante múltipla* [r]: as mulheres tendem a privilegiar o *standard*, no caso, a vibrante múltipla [r]. No que tange à variável lingüística Número de Sílabas, palavras polissílabas (0,59) favorecem mais a realização da vibrante múltipla, seguidas pelas trissílabas (0,52) e, por último, pelas dissílabas (0,45).

Características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó são estudadas por Spessato (2001). A autora destaca outros traços que caracterizam a fala local, mas o mais característico é a troca da vibrante múltipla pela vibrante simples, em contextos intervocálicos, como em ([ˈkaro]) para ([ˈkaRu]).

Os dados para a pesquisa são do VARSUL. Em Chapecó, o banco de dados conta com 24 entrevistas, amostra de seu estudo. A faixa etária dos informantes – homens e mulheres – varia de 25 a 70 anos. A escolaridade é primária, ginásial e colegial. Segundo Spessato (2001), os fatores externos podem interferir na produção linguística da população local. Todos os informantes têm ascendência italiana. Alguns, entretanto, consideram-se monolíngües, (7), outros, bilíngües (17). A autora subdividiu as faixas etárias em três: 25 a 39 anos (3 homens e 3 mulheres); 40 a 55 anos (4 homens e 6 mulheres); e, acima de 55 anos (5 homens e 3 mulheres).

Spessato (2001) controlou 5 variáveis linguísticas – Posição na Palavra, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Tonicidade da Sílabas e Número de Sílabas -, e 4 variáveis sociais – Idade, Sexo, Escolaridade e Bilingüismo. Das 3.217 ocorrências, 2.088 são de tepe, o que representa 65% do total de dados analisados. Os fatores sociais foram selecionados como os mais relevantes para as realizações linguísticas dos informantes.

A análise das realizações do fonema vibrante comprovaram a hipótese de Spessato (2001) de que os descendentes de italianos empregariam mais o tepe em contextos de vibrante múltipla do que a vibrante múltipla em contextos de tepe. A escolarização influi nas produções linguísticas dos informantes. A autora aponta a necessidade de, em futuros trabalhos, aprofundar a discussão das características linguísticas de Chapecó e também observar o papel da escola diante da variedade linguística apresentada neste trabalho.

Rossi (2000) e Spessato (2001) chegaram a resultados convergentes em seus estudos sobre a vibrante múltipla, em Chapecó/SC: (i) Idade: falantes mais velhos privilegiam mais o tepe em contexto de vibrante múltipla; os mais novos, ao contrário, realizam mais a vibrante múltipla; (ii) Escolaridade: falantes escolarizados realizam com mais frequência a vibrante múltipla, esperada pelo padrão do português; (iii) Sexo: as mulheres, antes que os homens, privilegiam a norma padrão, realizando mais a vibrante múltipla do que o tepe. Em

ambos estudos, as variáveis sociais revelaram ser significativas e relevantes, ao contrário das variáveis lingüísticas, que não desempenham papel significativo frente aos fenômenos em estudo.

A realização do rótico no *onset* em falantes de Luzerna-SC e Panambi-RS, regiões de imigração alemã, é estudada por Rigatti (2003). A autora realiza um estudo da fala de crianças de Luzerna-SC que sofrem influência dialetal, e de adultos de Panambi-RS, que são bilíngües português-alemão.

Os informantes da cidade de Panambi-RS foram selecionados do projeto VARSUL – 16 informantes bilíngües português-alemão como idades de 30 a 75 anos: 4 mulheres de 30 a 50 anos, 4 mulheres de 51 a 75 anos, 4 homens de 30 a 50 anos, 4 homens de 51 a 75 anos. Os da cidade de Luzerna-SC pertencem em parte à amostra do trabalho de Rigatti e Ramos (2000) e, em parte, freqüentam uma escola da cidade. Aos informantes de Luzerna aplicou-se o Teste de Coleta de Fala (Yavas, Hernandorena e Lamprecht, 1991, apud Rigatti, 2003)

Os resultados mostraram que houve 53% de realização da variável dependente (tepe) e 47% de não-realização, revelando que os falantes da pesquisa (Panambi + Luzerna) utilizam mais o tepe em posição CV. Dessa forma, os falantes das duas cidades caracterizaram-se por apresentar uma realização de “r” diferente da esperada no português brasileiro, porém esperada no processo de bilingüismo ou contato do português com outra língua.

Rigatti (2003) chega à conclusão de que há o predomínio do tepe em Panambi-RS, perfazendo 52%, *versus* 48% em Luzerna-SC. Panambi representa a amostra de adultos, os quais são falantes bilíngües português-alemão e vivenciam o contato português-alemão dia a dia, não ocorrendo o mesmo com as crianças de Luzerna, que não são bilíngües.

No trabalho de Rigatti (2003), entre as variáveis lingüísticas consideradas relevantes pelo VARBRUL estão as seguintes: Posição Medial na Palavra, Contexto Seguinte com Vogal Coronal, Nasalidade da Vogal Seguinte e Sílabas Átonas. Das variáveis sociais, foram selecionadas Sexo e Faixa Etária, ambas com resultados significativos. O uso do tepe foi significativo entre os homens, com peso relativo de 0,53. Na faixa etária 1 (6 a 8 anos), houve maior realização de tepe. Já na faixa 2 (9 a 11 anos), há um menor uso, cabendo a esta faixa o papel inovador no sentido da aquisição do sistema padrão do português. Entre os adultos, a faixa etária 3 (30 a 50 anos) representa indivíduos ativos na sociedade e carrega também a forma inovadora da língua.

A variação da vibrante e seu valor social é estudada por Bovo (2004). A autora investiga a alternância da vibrante com tepe, [r] ou [ʀ], por exemplo, [a'roz] e [a'ʀoz], característica marcante da fala em língua portuguesa de bilíngües português-italiano de três comunidades rurais de Caxias do Sul. Objetiva contribuir para a compreensão dos condicionantes lingüísticos e histórico-sociais relacionados ao valor atribuído a variantes. A autora se vale da Teoria da Variação (Labov, 1972) associada à Variação como Prática Social (Eckert, 2000), procurando aprofundar a compreensão dos resultados da análise quantitativa para as variáveis sociais.

O *corpus* de sua pesquisa faz parte do BDSer (Banco de Dados da Serra Gaúcha) e constitui-se da fala de moradores da zona rural – São Bráz, Santo Homobom e Bevilacqua – de Caxias do Sul, em sua maioria descendentes de italianos. Utilizou 24 entrevistas, 12 de cada Gênero, todos da zona rural. Controlou 3 variáveis lingüísticas – Tonicidade da Sílabas, Posição da Sílabas na Palavra, Número de Sílabas – e 4 variáveis sociais – Bilingüismo, Gênero, Faixa Etária, Grau de Escolaridade.

Bovo (2004) observou que, das 1.461 ocorrências levantadas, 44% configuram-se como aplicação da regra variável – realização do tepe em *onset* silábico onde se espera

vibrante. Dos grupos de fatores selecionados pelo programa VARBRUL, Grau de Escolaridade ficou em primeiro lugar seguido por Bilingüismo, Faixa Etária, Gênero, Posição da Sílabla na Palavra. A autora observou que os fatores extralingüísticos exerceram um maior condicionamento na aplicação da regra variável do que os lingüísticos.

A variável social Escolaridade foi a mais forte condicionadora da regra variável, com 0,79 no Nível Fundamental; com 0,68, no nível primário; e, com 0,16, no Nível Médio e Superior desfavoreceu. Quanto maior a escolarização, menor é o uso de tepe em contexto de vibrante. A segunda variável social selecionada foi Bilingüismo. Os pesos relativos para os fatores Passivo, Ativo ou Nulo ficaram em torno do ponto neutro. A variável social Faixa Etária, terceira selecionada, demonstrou que os mais velhos são, de modo acentuado, favorecedores do uso do tepe, com 0,70; a faixa etária 25 a 49, com 0,45, revelou papel neutro e a faixa 15 a 25, com 0,34, demonstrou papel desfavorecedor da regra variável.

A última variável social selecionada foi Gênero. O gênero feminino, com 0,44, desfavorece a aplicação da regra variável e o gênero masculino favorece, com 0,56.

Bovo (2004) escolheu Gênero para discutir o valor social dado às variantes tepe e vibrante. Para tanto, a autora fez observação participante e investigou a comunidade de prática do Clube de Mães de Beviláqua. A autora observa o comportamento das mulheres do Clube de Mães e descreve que suas atividades, tanto em casa, como na comunidade são marcadamente servis, ou seja, cabe à mulher o papel assistencial em relação ao marido, filhos e também como ajudante na comunidade, embora tome a iniciativa na resolução de muitas questões do dia-a-dia.

Nas festas da comunidade, são as mulheres do Clube de Mães que trabalham muito e não são remuneradas em nada. Cabe a elas toda a preparação da comida para os convidados. Após os garçons terem servido todo o cardápio, as mulheres da cozinha os

servem, como também os churrasqueiros. Bovo (2004) acredita que isso revela a organização social da localidade.

O uso do dialeto mostra comportamentos distintos entre o gênero feminino e o masculino. Os homens desde pequenos são incentivados a falarem o dialeto, porque seus pais falam com eles. Com as mulheres acontece o contrário. Os pais falam com elas em português. Segundo Bovo (2004), isso revela o interesse dos pais para que os filhos homens permaneçam na roça e para que as filhas mulheres saiam para estudar e conseguir um trabalho menos duro na cidade. O mesmo ocorre com o uso do tepe em contexto de vibrante. As mulheres privilegiam a vibrante por essa ser considerada padrão, ligada às práticas sociais urbanas, para onde são incentivadas a prosseguir. Os homens, ao contrário, privilegiam o tepe, nitidamente marcado, identificando suas origens.

O estudo do Clube de Mães e da comunidade em que ele está inserido permitiu averiguar que, apesar de as mulheres apreciarem o local onde moram e não desejarem para si outra vida, elas são incentivadas, desde cedo, a prosseguirem seus estudos e viverem em melhores condições no futuro. Os homens são mais orientados ao local, à ligação com o trabalho na terra. As mulheres são mais orientadas à cidade.

Outro estudo que focaliza o contato entre línguas é o de Margotti (2004), que objetivou explicitar tendências da difusão do português no espaço pluridimensional das áreas de contato com o italiano. O autor levou em conta resultados das pesquisas do ALERS (Atlas Lingüístico – Etnográfico da Região Sul) e do VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul) e dados obtidos em oito localidades de etnia predominantemente italiana, sendo 4 no Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Nova Palma, Sarandi, Sananduva) e 4 em Santa Catarina (Rodeio, Orleans, Chapecó e Videira). Em seu estudo, Margotti (2004) propõe uma investigação que busque abranger diversos aspectos da engrenagem social em uma rede de pontos representativos, através dos quais seja possível apreender a dinâmica das relações de

uso do português em contato com o italiano e de sua difusão gradual no espaço pluridimensional de ocorrência desse contato.

Para isso, o autor selecionou 9 variáveis lingüísticas consideradas representativas do português em contato com o italiano. A pesquisa concentrou-se na análise da difusão de traços exclusivamente fonéticos, por parecerem mais perceptíveis e marcados socialmente. As nove variáveis (três agrupadas) foram: (i) Neutralização de [r] forte e [r] fraco; (ii) Alçamento de [e] e de [o] em posição átona final; (iii) Substituição do ditongo nasal tônico [ɐw] por [ow] ou [o]; (iv) Alternância de [ɲ] com [ʃ] e de [ɲ] com [ɳ]; (v) Africação de [t] e [d] diante de [i]; (vi) Pronúncia da vogal [a] seguida de consoante nasal.

Essas variáveis foram correlacionadas com as dimensões, diatópica, diazonal, diageracional, diastrática, diagenérica, dialingual, diafásica, diarreferencial e diassexual.

Das nove variáveis selecionadas pelo autor, revisaremos somente a da substituição do ditongo nasal tônico [ɐw] por [ow]. O *corpus* para esse estudo é de 799 ocorrências. Os grupos considerados relevantes pelo VARBRUL foram: zona de residência, idade, contexto precedente, pontos de pesquisa, estilos de fala, etnia, tamanho do vocábulo e classe morfológica. Para Margotti (2004), a variante [ɐw] é sensível a fatores lingüísticos e extralingüísticos. Falantes mais jovens e os urbanos se distinguem dos mais velhos e dos rurais. A variação do ditongo [ɐw] apresenta características de diferenciação diastrática e diatópica, apontando para uma mudança em curso favorável à difusão do português, exceto na cidade de Rodeio, em Santa Catarina.

Vimos nesse capítulo o importante papel desempenhado pelas variáveis sociais em estudos que focalizam o contato entre línguas. Essas merecerão destaque no presente trabalho. A metodologia de investigação será apresentada a seguir.

4 METODOLOGIA

A metodologia para o estudo da alternância *-ão*:-*-on* do ditongo nasal tônico envolverá, (i) análise quantitativa, conforme modelo da Teoria da Variação (Labov, 1969, 1983, 2001); e (ii) análise qualitativa, por meio de observação participante, conforme Eckert (2000, 2005). O delineamento de pesquisa previsto pelas duas abordagens será apresentado nas seções 4.1 e 4.2, respectivamente.

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

4.1.1 VARIÁVEIS DA PESQUISA

A variável dependente desta pesquisa é a realização *-on* do ditongo nasal tônico *-ão*. Estabeleceram-se seis variáveis independentes, sendo três linguísticas e três extralingüísticas ou sociais.

4.1.1.1 VARIÁVEIS SOCIAIS

Definiram-se as variáveis sociais conforme os critérios de composição do BDSer. Esse banco de dados selecionou informantes de acordo com a cidade em que residem, a zona em que habitam, se rural ou urbana, o gênero, a idade e a escolaridade. Para esta pesquisa, foram consideradas as variáveis Gênero, Idade e Escolaridade de informantes residentes na zona rural do município de São Marcos/RS.

4.1.1.1.1 GÊNERO

A variável Gênero, segundo Paiva (2003), pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas na sociedade. Paiva (2003) afirma que diversos estudos variacionistas do português apontam para uma maior consciência feminina do status social das formas lingüísticas.

Neste trabalho, acreditamos que os homens mais que as mulheres, empregam o *-on* em suas falas.

4.1.1.1.2 IDADE

Entre os fatores sociais, Idade, segundo Naro (2003), atua fortemente na questão da mudança lingüística, uma vez que os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas, ao contrário dos mais jovens, que privilegiam as formas novas. Um exemplo do autor é o uso freqüente da forma ‘a gente’ em vez de ‘nós’ pelos mais jovens.

Nesta pesquisa, Idade procurará testar a hipótese de que os mais velhos produziram mais *-on* do que os mais jovens, apontando uma tendência à mudança regressiva dessa forma lingüística com o passar dos anos. Controlaram-se as seguintes faixas etárias: 15 a 25 anos, 30 a 45 anos e 50 ou mais anos.

4.1.1.1.3 ESCOLARIDADE

A variável Escolaridade, segundo Votre (2003), atua como preservadora de formas de prestígio, face às tendências de mudança em curso nas comunidades. O autor afirma que a escola tem um papel de inculcar gostos, normas em face da conformidade de dizer e de escrever. Nesse contexto, compreende-se a influência da variável escolaridade como atuante nos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Três faixas de escolaridade foram consideradas: *Ensino Fundamental-primário*: incluem-se nessa faixa informantes que freqüentaram a escola em uma ou mais séries da 1ª à 4ª; *Ensino Fundamental- 5ª à 8ª*: informantes que freqüentaram essas séries ou alguma delas; *Ensino Médio ou Superior*: informantes que freqüentaram um ou mais anos do Ensino Médio ou do Ensino Superior.

Esta pesquisa procurará testar a hipótese de que, quanto maior for o nível de escolaridade do informantes, menor será a realização de *-on*.

4.1.1.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Conforme Naro (2003), as variáveis lingüísticas compreendem as categorias internas ao sistema lingüístico, isto é, os fatores estruturais pertencentes à Fonologia, Morfologia, Semântica ou Sintaxe. Este trabalho concentrará suas análise em variáveis fonológicas.

4.1.1.2.1 NÚMERO DE SÍLABAS DO VOCÁBULO

O Número de Sílabas do Vocábulo corresponde aos vocábulos com ditongo nasal tônico, como: uma sílaba (mão, pão); duas ou mais sílabas (sabão, coração, interrogação). Acreditamos que ocorra mais *-on* em monossílabos do que em vocábulos com duas ou mais sílabas.

4.1.1.2.2 CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE

É importante verificar os segmentos que antecedem o ditongo nasal tônico, pois podem influenciar foneticamente sua realização. O Contexto Fonológico Precedente: corresponde ao tipo de consoante no ataque da sílaba em que o ditongo se encontra. Os fatores desta variável são os seguintes:

- a) onset vazio (ausência de consoante): *pe-ão*, *Ti-ão*;
- b) consoante nasal [m, n, ñ]: *mão*, *não*, *caminhão*;

- c) consoante anterior [s, z, l, t, d, p, b, f, v, r, ð]: latão, carvão, balão;
- d) consoante posterior [ð k, g, x]: feijão, bobalhão, paixão.

Acreditamos que uma consoante anterior no ataque da sílaba favoreça a realização de *-on*.

4.1.1.2.3 CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

Como os ditongos nasais tônicos ocupam a última sílaba da palavra, considera-se os segmentos com que iniciam os vocábulos seguintes. Os fatores para a variável Contexto Fonológico Seguinte são:

- a) vogal: latão amarelo;
- b) consoante nasal feijão murcho;
- c) consoante anterior: portão velho;
- d) consoante posterior: feijão cozido;
- e) pausa: pão ...

Acreditamos que uma consoante nasal na sílaba que inicia o vocábulo seguinte favorece a realização de *-on*.

O Quadro 2 traz o conjunto de variáveis controladas nesta pesquisa, com seus respectivos fatores e símbolos para codificação:

Quadro 2
Variáveis da pesquisa

VARIÁVEIS SOCIAIS	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS
-------------------	------------------------

<i>Gênero</i> mulher homem	<i>Número de sílabas no vocábulo</i> uma sílaba: pão, mão duas ou mais sílabas: sabão, coração
<i>Idade</i> 15 a 25 anos 30 a 45 anos 50 ou mais anos	<i>Contexto fonológico precedente</i> onset vazio: pe- ã consoante nasal: m ão consoantes anteriores: sal ã o, ver ã o, certid ã o consoantes posteriores: bonach ã o, bobalh ã o, feij ã o
<i>Escolaridade</i> fundamental-primário fundamental-5 ^a à 8 ^a médio e superior	<i>Contexto fonológico seguinte</i> vogal: caminh ã o amarelo consoante nasal: plantação n ova consoante anterior: feij ã o b ichado consoante posterior: feij ã o cozido pausa

4.1.2 INFORMANTES

Sendo as variáveis sociais Gênero, Idade, Escolaridade, o número de informantes selecionados restringiu-se àqueles de São Marcos, zona rural, existentes no BDSer, vinte e quatro, doze de cada gênero, assim distribuídos:

Quadro 3
Informantes

GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE
--------	-------	--------------

HOMEM	15 a 25	Fun pri: L.D.
		Fun 5ª à 8ª: E.E.F.
		Me e Su: R.P. / R.P.
	30 a 45	Fun pri: L.D.
		Fun 5ª à 8ª: R.F.
		Me e Su: V.B. / R.L.
	50 – ou mais	Fun Pri: R.S. / O.B.
		Fun 5ª à 8ª : J. P.
		Me e Su: V.J.F.
MULHER	15 – 25	Fun Pri: S.A.da R.
		Fun 5ª à 8ª: A.L.C.M.
		Me e Su: V.V. / B.C.
	30 – 45	Fun Pri: S.R.B.F.
		Fun 5ª à 8ª: M.B.P.
		Me e Su: L.B.G. / V.L.B.L. L.B.G.
	50 ou mais	Fun Pri: J.M.V. / S.T.B.P.
		Fun 5ª à 8ª: O.B.F.
		Me e Su: E.E.E.L.F.

No quadro acima, algumas células possuem dois informantes e outras somente um. Nas células 15 a 25 anos e 30 a 45 anos, tanto para homem quanto para mulher têm-se dois informantes para o Ensino Médio e Superior. Na célula 50 ou mais anos, tanto para homem quanto para mulher, há dois informantes para o Ensino Fundamental Primário. Procedeu-se dessa forma no preenchimento das células para que tivéssemos o mesmo número informantes para cada faixa etária, ou seja, quatro.

4.1.3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE COMPUTACIONAL DOS DADOS

Realizadas as entrevistas sociolinguísticas com os informantes, essas foram ouvidas, e as ocorrências levantadas e codificadas. Feita a codificação das ocorrências, estas foram submetidas à primeira rodada do programa Varb2000 do pacote de programas VARBRUL, criado por Susan Pintzuk, em 1986, com base em programa de Donald Hindle (Make3000) e em algoritmos escritos por David Sankoff e Pascale Rousseau (Varb2000), para a análise estatística de dados linguísticos variáveis. A análise estatística gerada, explica Amaral (1998), procura dar suporte matemático às conclusões alcançadas pelos variacionistas.

Os programas do VARBRUL (versão 1988 e 1992), segundo Brescancini (2002), podem ser divididos em três grupos principais: (i) os que preparam os dados para a performance do algoritmo (CHECKTOK, READTOK, MAKE3000); (ii) o que realiza o algoritmo (VARB2000) ; e (iii) os que efetuam tarefas de apoio (TSORT, TEXTSORT e CROSS3000).

A autora explica que o primeiro grupo tem três programas. Para que o primeiro programa, CHECKTOK, possa ser utilizado, dois arquivos devem ser preparados com antecedência: o arquivo de dados e o arquivo de especificação. O arquivo de dados contém todas as ocorrências linguísticas a serem analisadas para o estudo da regra variável. O arquivo de especificação contém a lista dos símbolos que representam os fatores das variáveis independentes e as variantes da variável dependente.

O programa CHECKTOK, explicam Scherre e Naro (2003), lê o arquivo de especificação de fatores, lê o arquivo de dados, gera arquivo de erros no arquivo de especificação ou no de dados. Após a correção dos erros no arquivo de dados, gera o arquivo corrigido.

O programa READTOK lê o arquivo corrigido, gera um outro somente com cadeias de codificação e escreve-as em um arquivo de ocorrências. Com o arquivo de ocorrências, roda-se o MAKE3000, que lê esse arquivo, gera um arquivo de células, lê o

arquivo de condições para a geração de arquivo de células. Esse, explica Brescancini (2002), fornece as percentagens de aplicação da regra para cada fator de cada variável considerada no arquivo de condições, produto para o cálculo dos pesos relativos.

Nesta etapa, o pesquisador deve fazer sua opção escolhendo o programa que gerará os pesos relativos para os grupos de fatores. Nesta pesquisa, como se viu, a variável dependente é binária, logo, utiliza-se o programa VARB2000: lê arquivo de células com duas variantes, gera arquivo com pesos relativos.

Segundo Brescancini (2002), os programas de apoio, como o TEXTSORT e o TSORT não contribuem para o processamento dos pesos relativos, mas executam atividades importantes na busca de codificações específicas e para conferências dos dados.

O CROSS3000, segundo Scherre e Naro (2003), lê o arquivo de células com duas variantes; gera arquivo com tabulação cruzada de pares de variáveis independentes, solicitando o número lógico das variáveis a serem cruzadas.

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA

4.2.1 ESTUDO ETNOGRÁFICO

A etnografia, para Spradley (1979), é o trabalho de descrição de uma cultura. A parte essencial desta atividade objetiva entender a forma de vida do ponto de vista de um nativo. Johnstone (2000) amplia o conceito afirmando que a etnografia é a descrição de cultura desenvolvida por antropólogos culturais interessados em descobrir, da perspectiva dos nativos, como as culturas estrangeiras eram, em especial sociedades pequenas, isoladas ou tradicionais. O objetivo do etnógrafo (Spradley, 1979) é compreender o ponto de vista de um nativo, sua relação com a vida, perceber a visão de seu mundo. O pesquisador deve ser acima de tudo um observador, procurar saber o que significa o mundo para as pessoas.

O trabalho de campo, segundo Spradley (1979), consistirá em fazer inferências culturais de três maneiras: (i) a partir do que os povos dizem; (ii) a partir das ações dos povos; e, (iii) a partir do uso de instrumentos pelo povo. A língua, segundo o autor, é o ponto de inferência. A parte essencial da etnografia é a preocupação com o significado de ações e eventos. O significado, segundo Johstone (2000), é descoberto por meio da observação participante ou por meio de entrevista etnográfica. A observação participante, procedimento adotado nesta pesquisa, consiste em observar, relatar e descrever as ações culturais dos sujeitos. É o que se fez no convívio com um família de zona rural de São Marcos.

A observação participante na família consistiu em conviver com seus integrantes – pai, mãe, filhos - no período de quatro dias, do mês de dezembro de 2004. Ao chegar na família, a acolhida e as informações sobre a família Poggere foram feitas pela mãe. Após, a convivência com o grupo no dia-a-dia restringiu-se a participar com a mãe e o pai nas tarefas diárias da casa e também nas da roça. As tarefas de casa (lavar louça, vidros, janelas, roupas, calçados, chão, cozinhar, arrumar a casa ...) foram realizadas pela mãe e pela filha e também pela pesquisadora. As atividades desempenhadas pela mãe, pelo pai e pela pesquisadora fora de casa foram: tirar leite das vacas, cuidar da horta e do jardim, trabalhar nos parreirais (pulverizar, tirar folhas, capinar...) As observações que a pesquisadora fazia eram memorizadas e escritas num caderno à noite.

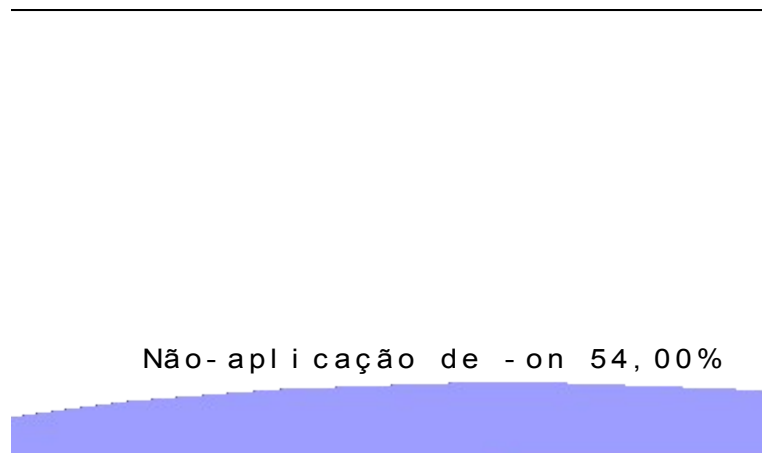
5 ANÁLISE, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, primeiramente, serão relatados e discutidos os resultados da análise quantitativa. Após virá a análise qualitativa, com o relato da observação participante.

5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Foram hum mil e seiscentas e cinqüenta as ocorrências de ditongo nasal tônico encontradas após a audição das vinte e quatro entrevistas. Dessas, em 767 ou 46% houve a realização variável *-on*, em 883 ou 54%, não, ou seja, realizou-se *-ão*, conforme a Figura 4, abaixo. Os grupos de fatores selecionados pelo programa foram: *Idade, Escolaridade, Gênero, Número de Sílabas do Vocábulo, Contexto Fonológico Precedente*. O grupo excluído pelo programa foi *Contexto Fonológico Seguinte*.

Figura 4 : Gráfico de realização de *-on* e *-ão*, na zona rural de São Marcos.
5.1.1 VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS



Das três variáveis sociais consideradas, *Idade* mostrou-se, estatisticamente, a mais significativa. *Escolaridade e Gênero* vêm em seguida. A Tabela 1 traz os resultados da variável *Idade*:

Tabela 1
Idade

	Apl./Total	%	Peso Relativo
15 a 25	99/498	20%	0,23
30 a 45	263/599	44%	0,48
50 ou mais	405/553	73%	0,76
TOTAL	767/1650	46%	

Input 0,46
Significância 0,000

A faixa etária 50 ou mais anos favorece o uso de *-on*, com 0,76; a faixa etária 30 a 45, com 0,48, apresenta papel neutro e a faixa 15 a 25, com 0,23, desfavorece a ocorrência de *-on*. Esses valores relacionam-se às habilidades com o dialeto italiano, conforme a divisão dos informantes em restritos, semi-restritos e irrestritos (ver cap. 3): Os falantes com 50 ou mais anos são os irrestritos, isto é, os que praticam a fala dialetal italiana, promovendo mais o contato português-italiano; Falantes com idade de 30 a 45 são os semi-restritos, praticam

menos a fala dialetal italiana; e os falantes com idade de 15 a 25 são os restritos, compreendem, mas não praticam a fala dialetal italiana.

Esses resultados de Idade como forte condicionadora da regra do *-on* são paralelos aos de outros estudos que focalizam o contato português-italiano, como os de Bovo (2004) e de Rossi (2000, ver seção 3.4). Segundo as autoras, os mais velhos são os que mais favorecem o uso de *tepe*, regra variável por elas estudada, porque esse uso é marcado e identifica suas origens.

Segundo Paiva e Scherre (1999), a variável Idade pode fornecer índices para mostrar processos de mudança em curso. No caso desta pesquisa, a variável Idade aponta a regressão do uso de *-on*, quase que restrito a falantes bilíngües da faixa etária 50 ou mais anos, com *-ão* progressivamente implementado pelos falantes mais jovens.

A variável extralingüística Escolaridade revela que quem produz mais *-on* são os falantes com Ensino Fundamental Primário, decrescendo esse uso conforme cresce a escolaridade. A Tabela 2 traz esses resultados:

Tabela 2
Escolaridade

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Médio e Superior	233/734	32%	0,35
Fundamental-5ª à 8ª	158/357	44%	0,48
Fundamental-Primário	376/559	67%	0,70
TOTAL	767/1650	46%	

Input 0,47

Significância 0,000

Falantes do nível Fundamental-Primário são os líderes na realização de *-on*, com 0,70, condicionando favoravelmente a produção de *-on*. Em seguida vêm, com 0,48, falantes do nível Fundamental de 5ª à 8ª séries, demonstrando papel neutro, e por último, com

0,35, falantes do nível Médio e Superior, mostrando papel desfavorecedor frente à realização de *-on*.

Os resultados acima corroboram o que já havia sido constatado em outras pesquisas que focalizaram o contato entre o português e o italiano, como as de Rossi (2000), Spessato (2001) e Bovo (2004), nas quais a variável social Escolaridade mostra que quanto maior o nível de escolaridade, maior também é o uso da norma padrão.

A variável Escolaridade, segundo Votre (2003), atua como preservadora de formas e prestígio. Neste trabalho, Escolaridade atua no sentido de difundir o ditongo nasal tônico *-ão*: falantes com maior escolaridade tendem a evitar o uso de *-on*, forma não-prestigiada. O autor explica que a escola transmite gostos, normas, padrões que são inculcados nos alunos, fazendo com que adquiram um padrão que muitas vezes é distinto do da sua família. Paiva e Scherre (1999) reforçam que a ocorrência das variantes prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável Escolaridade.

Na Tabela 3 estão os resultados da variável extralingüística Gênero:

Tabela 3
Gênero

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Mulher	360/902	40%	0,43
Homem	407/748	54%	0,58
TOTAL	767/1650	46%	

Input 0,47

Significância 0,000

A Tabela 3 revela que os homens, com peso relativo 0,58, favorecem o uso de *-on*, mulheres, com 0,43, desfavorecem.

Os valores refletem, segundo Paiva (2003), um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram preferência pelas variantes lingüísticas consideradas de prestígio pela sociedade. Os homens, por outro lado, tendem a usar mais as formas associadas ao estilo

independente, à lealdade ao grupo social a que pertencem (Lyons, 1987), o que pode ser o caso quando do uso de *-on*.

Segundo Paiva (2003), quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Do contrário, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança no processo.

Isso foi confirmado no estudo de Rigatti (2003) e no de Bovo (2004) quando elas estudaram a realização do rótico na fala de bilíngües português-alemão, e a realização da vibrante no contato português-italiano. As autoras observaram que os homens utilizam mais o tepe, variante conservadora, do que as mulheres em ambos estudos.

5.1.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Entre as variáveis lingüísticas, *Número de sílabas do vocábulo* foi considerada a mais significativa pelo programa, seguida pela variável *Contexto fonológico precedente*. A Tabela 4 traz os resultados da variável lingüística Número de Sílabas no Vocábulo:

Tabela 4
Número de sílabas do vocábulo

	Apl./Total	%	Peso Relativo
Duas ou mais sílabas (sabão, caminhão)	472/1124	42%	0,46
Uma sílaba (pão, mão, chão)	295/526	56%	0,60
TOTAL	767/1650	46%	

Input 0,47

Significância 0,000

Monossílabos, com peso relativo 0,60, condicionam favoravelmente a produção de *-on*. Os dissílabos, trissílabos... apresentaram peso relativo 0,46, desfavorecendo a realização de *-on*. A maior parte das palavras da língua portuguesa terminadas em *-ão* têm duas ou mais sílabas, é pequeno o número de monossílabos em *-ão*. Esses convivem com palavras de uma sílaba com monotongos nasais (bom, som, batom), o que pode estar na origem de alternâncias (bom~bão), passíveis de ocorrer inclusive na fala de monolíngües-português. Essas palavras são utilizadas pelos bilíngües indistintamente, ocorrendo muitas formas monossilábicas em *-on*.

Quanto à variável Contexto Fonológico Precedente, os resultados estão a seguir:

Tabela 5
Contexto fonológico precedente

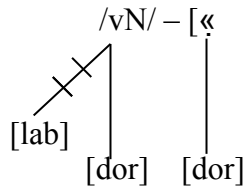
	Apl./Total	%	Peso Relativo
v (onset vazio, pe- <i>ão</i>)	33/92	36%	0,39
a (consoantes anteriores, sa- <i>bão</i>)	488/1102	44%	0,48
n (consoante nasal, sal- <i>mão</i>)	199/375	53%	0,57
t (consoantes posteriores, fei- <i>ção</i>)	47/81	58%	0,61
TOTAL	767/1650	46%	

Input 0,47

Significância 0,001

Os resultados revelam que as palavras com consoante posterior no ataque da sílaba, com peso relativo 0,61, favorecem a realização de *-on*. Em seguida, vêm as palavras com consoante nasal, com 0,57, também favorecendo a regra. Consoante Anterior Precedente desempenha papel neutro, com 0,48 e Onset Vazio, com 0,39, desfavorece *-on*.

O que pode estar em jogo no resultado favorecedor de Consoantes Posteriores são os traços fonológicos característicos dessa articulação. Como Battisti (1997) explica, *-ão* tem como forma de *input* (subjacente) uma seqüência /VN/ em que /V/ caracteriza-se pelos traços [labial] e [dorsal], este último também presente na representação das consoantes posteriores. Abaixo, representa-se o surgimento de *-ão* a partir de /oN/, conforme Battisti (1997):



O contexto fonológico precedente de consoantes posteriores criaria um ambiente em que o caráter posterior estaria saliente e em que não haveria ao mesmo tempo o desligamento de [labial].

Para observar a distribuição dos dados do estudo nos fatores considerados, e também verificar a força no condicionamento do fenômeno variável dos pares de variáveis, optou-se por cruzar as variáveis entre si por meio de um dos programas do pacote VARBRUL, o Crosstab. É o que está na próxima seção.

5.1.3 CRUZAMENTOS DE VARIÁVEIS

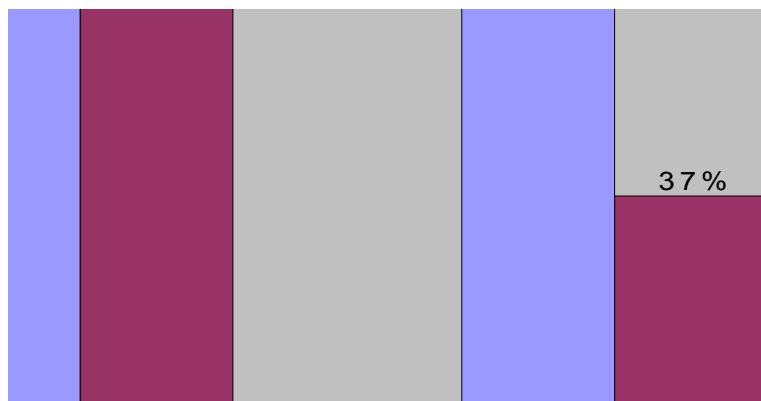
Abaixo está o cruzamento entre a variável social Idade com a variável social Escolaridade:

Figura 5: Gráfico do cruzamento entre Idade e Escolaridade.

O gráfico da Figura 5 traz o resultados do cruzamento das variáveis sociais, Idade e Escolaridade, e revela que os falantes com idade de 50 ou mais anos, com ensino Fundamental-Primário, são os líderes na realização de *-on*, com 88%; em segundo lugar, com 66%, vêm os falantes com idade de 30 a 45 anos; e por último, com 16%, os falantes jovens de 15 a 25 anos. Em todos os graus de escolaridade nota-se que são os mais velhos que usam mais o *-on*. Esse uso vai decrescendo à medida que o nível de escolaridade baixa

Os resultados do cruzamento das variáveis extralingüísticas Idade e Gênero podem ser visualizados no gráfico abaixo:

Figura 6: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Idade



Em todas as faixas etárias consideradas, homens empregam mais *-on* que mulheres, e esse emprego decresce da faixa de maior idade para a de menor idade.

A variável social Idade destaca-se frente às outras duas variáveis sociais. Em ambos cruzamentos, Idade revelou ser a que mais tem papel na realização de *-on*. Essa é a razão da promoção de mais cruzamentos, desta vez de Idade com as variáveis lingüísticas.

O gráfico abaixo mostra o cruzamento da variável extralingüística Idade e da variável lingüística Número de Sílabas no Vocábulo:

Figura 7 : Gráfico do cruzamento entre Idade e Número de Sílabas do Vocábulo.

O cruzamento da variável social Idade e da variável lingüística Número de Sílabas no

Vocábulo revela que nas três faixas etárias consideradas, o emprego de –on em palavras com uma sílaba é mais freqüente que em palavras de duas ou mais sílabas. Conforme a idade vai decrescendo, decresce em paralelo o emprego de –on em palavras com uma sílaba e em palavras com duas ou mais sílabas.

No gráfico abaixo observam-se os resultados do cruzamento da variável extralingüística Idade e da variável lingüística Contexto Fonológico Precedente:

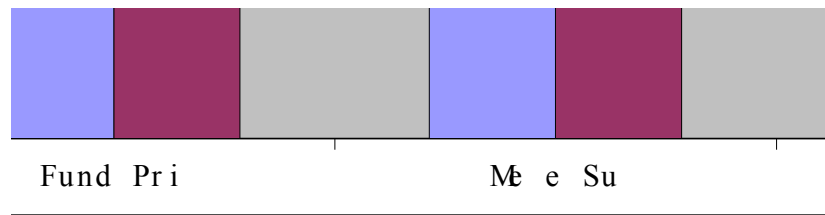
Figura 8: Gráfico do cruzamento entre Idade e Contexto Fonológico Precedente

O cruzamento da variável social Idade e da variável lingüística Contexto Fonológico Precedente revela que das três faixas etárias consideradas é sempre na de 50 ou mais anos em que a realização de *-on* é mais freqüente, independentemente do contexto fonológico precedente, mas distinguindo-se o fator consoantes posteriores das demais, com 89%. Na faixa etária dos mais jovens, se há um contexto fonológico precedente que se destaca, este contexto é o de consoante nasal: embora com 28%; esse percentual ainda é superior aos demais ambientes controlados.

Dos cruzamentos realizados com a variável social Idade e as variáveis lingüísticas, pôde-se notar em todos a relevância quanto ao emprego de *-on* da faixa etária 50 ou mais anos sobre as outras faixas, o que esclarece o peso relativo favorecedor obtido na análise de regra variável. O que esse resultado revela? Que idosos falam mais dialeto? Sim, certamente. Mas por quê? Em que quadro de práticas sociais? Realizou-se observação tendo como um dos objetivos esclarecer esse aspecto.

A seguir, passaremos aos demais cruzamentos sem a variável social Idade, mas com as outras duas sociais. O gráfico abaixo mostra o cruzamento das variáveis extralingüísticas Gênero e Escolaridade:

Figura 9: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Escolaridade



Nesse cruzamento, homens usam mais o *-on* que mulheres em dois níveis de escolaridade, Fund-Pri e Me e Su. No nível Fund 5^a à 8^a, houve uma inversão, mulheres empregam mais o *-on* do que os homens. Como explicar esse resultado? Que relação haveria entre uma faixa intermediária de escolaridade e uma menor realização de *-on* por parte dos homens? Essas são questões que a observação participante realizada poderá explicar.

No gráfico abaixo estão os resultados do cruzamento da variável extralingüística Gênero e da variável lingüística Número de Sílabas no Vocábulo:

Figura 10: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Número de Sílabas do Vocábulo

Nesse cruzamento, homens empregam mais o *-on* do que as mulheres tanto em palavras com uma sílaba como em palavras com duas ou mais sílabas, sendo as primeiras o contexto mais favorável para ambos os gêneros.

O gráfico abaixo apresenta os resultados do cruzamento da variável extralingüística Gênero e da variável lingüística Contexto Fonológico Precedente:

Figura 11: Gráfico do cruzamento entre Gênero e Contexto Fonológico Precedente

Nesse cruzamento, os homens realizam com mais freqüência o *-on* em todos os tipos de contexto precedente controlados, sendo o de consoantes posteriores aquele em que o emprego é maior tanto para homens quanto para mulheres.

Então, sumariando os resultados da análise quantitativa, pode-se afirmar que o emprego de *-on* é favorecido por idosos de baixa escolaridade, em vocábulos monossilábicos que apresentam consoante posterior antes do ditongo. Se essas são conclusões sugeridas pelos resultados e esses, um primeiro diagnóstico do fenômeno em questão, é preciso seguir

investigando, é preciso sobretudo responder às questões **sociolingüísticas**. É o que se faz com a observação participante, para pesquisar as práticas sociais ligadas à idade e o gênero.

5.2 ANÁLISE QUALITATIVA

A observação participante foi realizada em uma família, considerada como comunidade de prática. Chegou-se à essa idéia quando da realização de entrevistas sociolingüísticas, em 2003 e 2004. Percebeu-se na zona rural de São Marcos que a fala bilíngüe português-italiano não é praticada em todas as famílias: há as monolíngües-português e as bilíngües, embora os membros de todas elas descendam de imigrantes italianos. Se na família como uma comunidade de prática desenvolvem-se maneiras de fazer as coisas (as práticas), a fala é uma dessas práticas e demarca as famílias enquanto comunidades, no caso deste estudo, pela fala bilíngüe e a conseqüente influência do italiano no português.

Conviveu-se com uma família que mora no bairro Michelin, situado a mais ou menos seis quilômetros do centro de São Marcos. Essa comunidade, segundo Rizzon e Possamai (1987), localiza-se sobre a linha Rosita, e surgiu a partir da iniciativa de motoristas – Carlos Michelin e outros - de construir um capitel dedicado a São Cristóvão, padroeiro dos motoristas. A observação ocorreu no período de quatro dias, de 1º a 4 de dezembro de 2004, época de pulverização¹⁰, dos parreirais. A pesquisadora ficou hospedada na casa dessa família e tomou parte da pulverização, entre outras atividades, que já havia ocorrido uma vez, no mês

¹⁰ Pulverizar os parreirais consiste na prática de espargir líquido (mistura de água e agrotóxico Ditane ou sulfato, que é, por sua vez, a mistura de água, cal virgem e sulfato de cobre) em gotículas que parecem poeira, para a não proliferação de doenças. Esses líquidos são passados nos parreirais em épocas determinadas. No início, quando inicia-se a brotação (quando o broto tiver uns dois centímetros), aplicam-se várias pulverizações com o agrotóxico Ditane, o qual auxilia no combate ao mofo e outras doenças. Esse agrotóxico deixa de ser usado somente quando os grãos da uva começam a surgir. A partir daí, as pulverizações (no máximo 3, dependendo da qualidade da uva) são feitas com sulfato, para o controle de pragas como a antracnose, a ferrugem, para evitar a queda dos grãos causada por fungos.

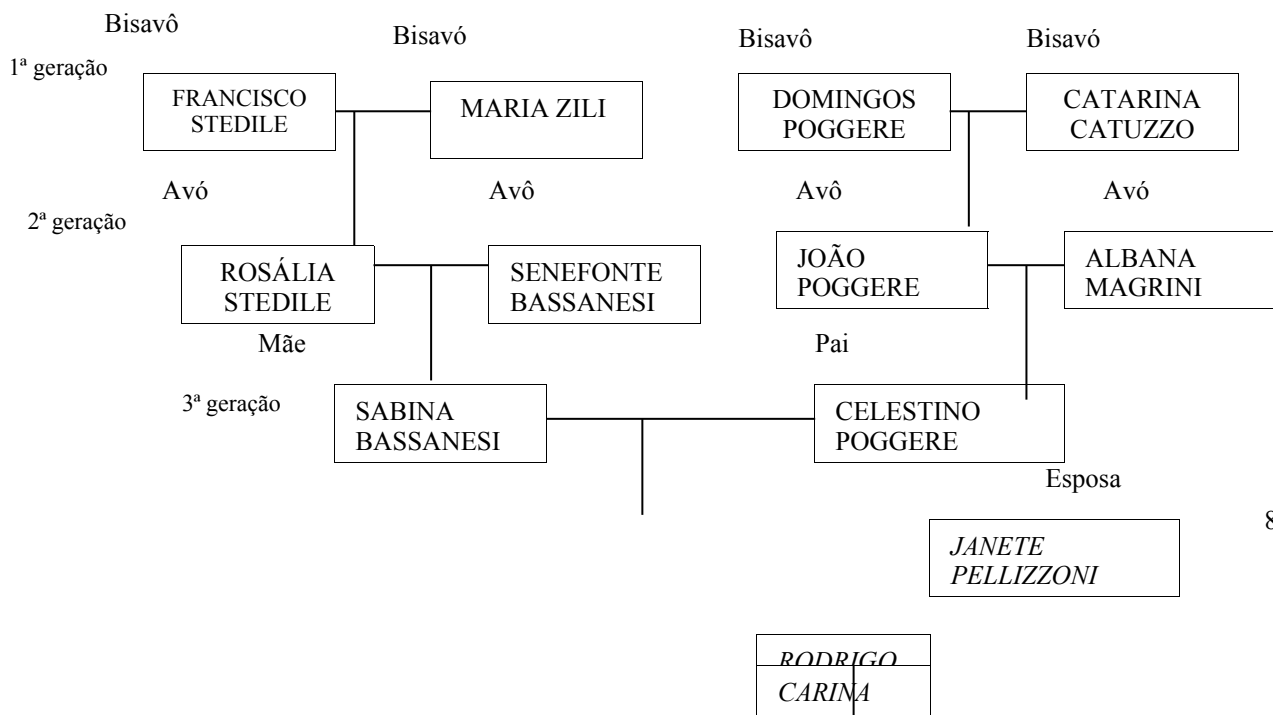
de novembro. No mês de dezembro, época da observação, foi aplicada outra vez. Uma última pulverização ocorreria mais uma vez antes da colheita.

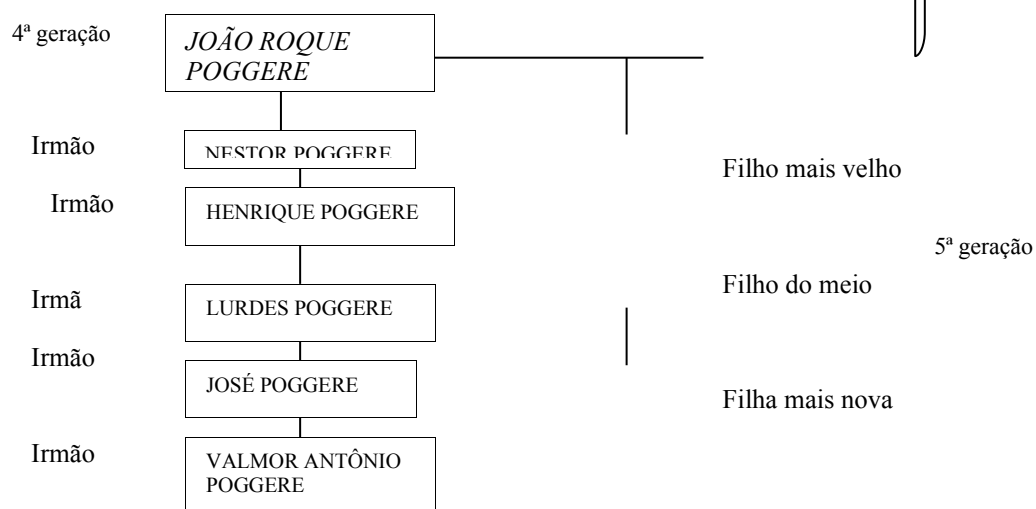
5.2.1 ESTUDO ETNOGRÁFICO NA FAMÍLIA

5.2.1.1 A FAMÍLIA POGGERE

Na zona rural, as famílias constituem o grupo doméstico responsável pela atividade produtiva. O trabalho agrícola é essencialmente uma atividade familiar, segundo Durham (2004). É o que se verifica na família observada em São Marcos. Essa constitui-se por 5 pessoas: o pai, João Roque Poggere, com 48 anos; a mãe, Janete Pellizzoni Poggere, com 46 anos; 2 filhos, um com 21 anos, Rodrigo Poggere, e outro com 18 anos, Mateus Poggere; e 1 filha, com 14 anos, Carina Poggere. Os pais são a quarta geração dessa família de imigrantes italianos, os filhos, a quinta. A Figura 14 traz a árvore genealógica dos Poggere de São Marcos:

Figura 14: Árvore Genealógica da família Poggere

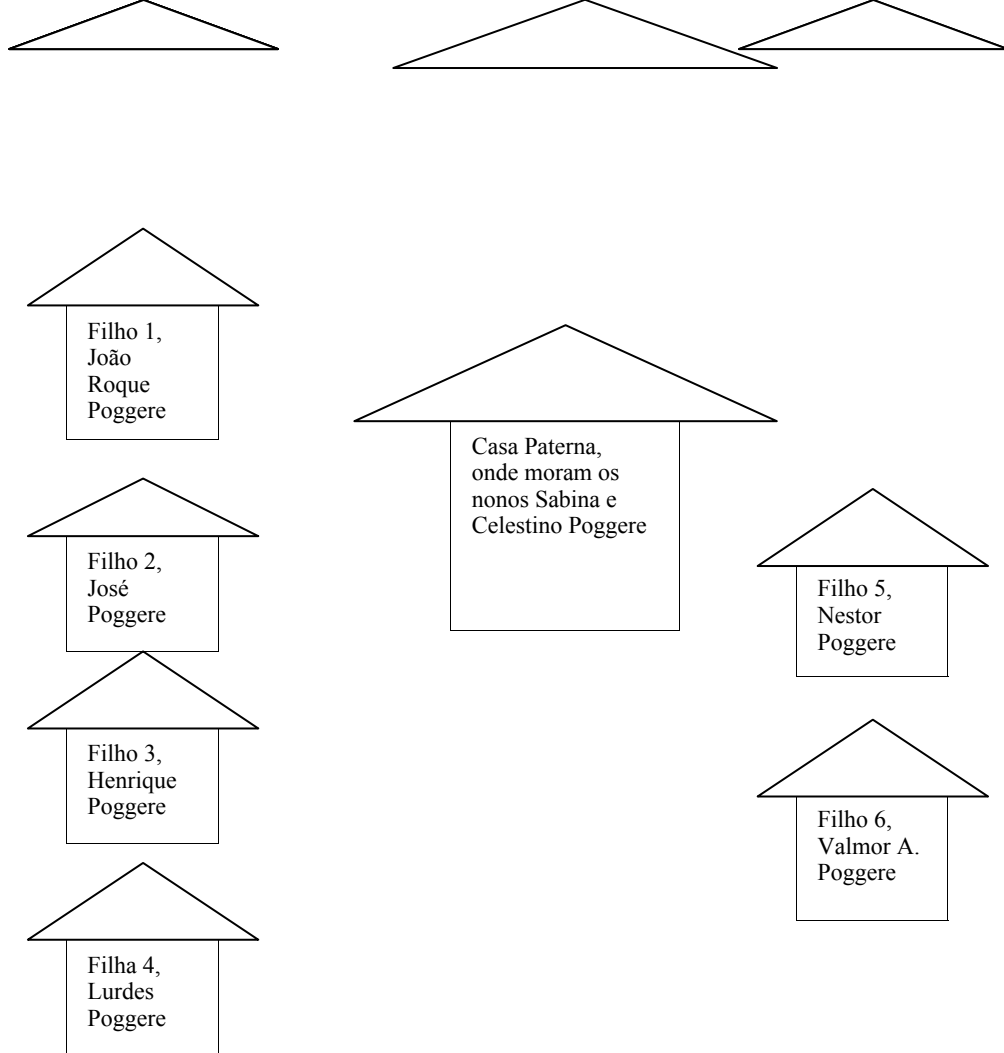




O pai e a mãe têm idades próximas a uma das faixas etárias controladas na análise quantitativa nesta pesquisa, a de 30 a 45 anos, e os filhos homens encaixam-se na faixa etária de 15 a 25 anos e a filha dela se aproxima.

Antes da observação, quando da realização de entrevistas sociolinguísticas, teve-se contato com Sabina Bassanesi Poggere, terceira geração da família de imigrantes e hoje com quase 90 anos de idade. Dona Sabina foi quem forneceu informações sobre a família e permitiu sua divulgação, bem como a dos nomes de seus membros. A observação participante

ocorreu durante a observação participante. O objetivo da observação participante é obter informações sobre a cultura de uma comunidade. O observador participante deve ser capaz de se adaptar ao ambiente e observar os comportamentos e as interações sociais. O observador participante deve ser capaz de registrar os dados e analisá-los de forma crítica. O observador participante deve ser capaz de interpretar os dados e apresentá-los de forma clara e objetiva. O observador participante deve ser capaz de refletir sobre sua própria atuação e sobre a influência que ela pode ter no processo de observação. O observador participante deve ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os participantes e de garantir a privacidade e a confidencialidade dos dados. O observador participante deve ser capaz de lidar com situações de conflito e de resolver problemas de forma eficaz. O observador participante deve ser capaz de trabalhar em equipe e de colaborar com os outros membros da comunidade. O observador participante deve ser capaz de manter um diário de campo e de registrar todos os detalhes da observação. O observador participante deve ser capaz de analisar os dados e de apresentá-los de forma clara e objetiva. O observador participante deve ser capaz de refletir sobre sua própria atuação e sobre a influência que ela pode ter no processo de observação. O observador participante deve ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os participantes e de garantir a privacidade e a confidencialidade dos dados. O observador participante deve ser capaz de lidar com situações de conflito e de resolver problemas de forma eficaz. O observador participante deve ser capaz de trabalhar em equipe e de colaborar com os outros membros da comunidade. O observador participante deve ser capaz de manter um diário de campo e de registrar todos os detalhes da observação.



A figura acima contém apenas as residências, mas, na propriedade rural dos Poggere, estão plantados parreirais em aproximadamente três hectares, em três pontos distintos. O restante do terreno abriga as residências, a transportadora, localizada junto às residências, próxima ao filho 5, e os aviários.

5.2.1.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E O DITONGO –ON

Na família observada, a de João Roque Poggere, o pai e a mãe, quarta geração, expressam-se com mais frequência através da fala dialetal italiana e, quando empregam o português, produzem mais o *-on*. Se essa é uma característica originada do contato português-fala dialetal italiana, buscou-se verificar o que motiva o emprego da fala dialetal, ou melhor, em que quadro de prática essa se insere.

Ao estarem junto a pessoas mais velhas ou da mesma idade é que João Roque e Janete, o pai e a mãe da família observada, praticam a fala dialetal italiana. Durante os trabalhos com os parreirais, por exemplo, a comunicação é restrita, predominando a fala dialetal italiana para qualquer interação entre os que estão trabalhando. Um exemplo dessa comunicação pôde ser notada durante a pulverização dos parreirais, quando as mangueiras se enrolaram. A cunhada gritou: - “*Fermegue!*”¹¹. João Roque, ouvindo o grito, desligou o motor que toca o sulfato. Ele foi ajudar a desenrolar as mangueiras e a pesquisadora foi junto. Chegando lá, ele disse somente: “*Ostrega!*”¹². Depois ajudamos a desenrolá-las e subimos para ligar o motor e continuar o trabalho. Notou-se, nesse incidente, que há pouca conversa e, quando há, é feita com expressões dialetais italianas.

Durante a execução do trabalho familiar nos parreirais, as conversas informais entre os envolvidos, como discussões sobre assuntos relacionados ao trabalho, família, vizinhos, etc, são realizados predominantemente através da fala dialetal italiana, com muitas misturas do português. Um exemplo disso está no comentário feito pela mãe sobre a tarefa do dia seguinte: “*Doman toca dar su el sulfato, bem bonora*”¹³. Outro exemplo foi quando a família e a pesquisadora estavam se preparando para passar o sulfato no parreiral e o pai dividiu as tarefas de cada um: “*Bom, dona, ti dá su em questo lado. Ti, [seu irmão], passa su em questo. Valtre due, [as cunhadas], tire le manguere, e sobro(u) nós dois, [a pesquisadora e o pai], que vamo ficá aqui pra prepará o sulfato.*”¹⁴ Embora no exemplo o pai tenha se dirigido à pesquisadora¹⁵ através da fala dialetal italiana, na maior parte das vezes tanto ele quanto os demais familiares o faziam em português.

¹¹ “Parem!”

¹² “Que droga!”

¹³ “Amanhã tem que passar o sulfato, bem cedo.”

¹⁴ “Bom, mulher, tu passa neste lado. Tu, [seu irmão], passa neste. Vocês duas, [as cunhadas], puxem as mangueiras, e sobrou nós dois, [a pesquisadora e o pai], que vamos ficar aqui para preparar o sulfato.”

¹⁵ A pesquisadora considera-se, para a proficiência na fala dialetal italiana, uma bilíngüe semi-restrita. Os membros da família Poggere sabiam dessa condição da pesquisadora.

No exemplo acima, percebe-se que cabe ao pai a divisão das tarefas da roça junto ao grupo, do qual a mãe também participa. Como veremos a seguir, no entanto, a mãe também toma a iniciativa de muitas outras atividades.

São a mãe, Janete, e o pai, João Roque, que trabalham efetivamente na terra. O cultivo predominante é o da uva, o que exige muito trabalho e dedicação de todas as famílias Poggere. As seis famílias têm participação nos trabalhos que envolvem poda, pulverização e colheita. Por exemplo, no dia 2 de dezembro era o dia de pulverizar os parreirais com sulfato. Essa pulverização requer a ajuda de pelo menos seis pessoas: duas pulverizam, duas puxam as mangueiras e duas ficam preparando o sulfato em tanques feitos com tijolos. Há três tanques: um para água limpa, um para abastecer as mangueiras e outro para a preparação, caso necessite-se mais de um tanque para a pulverização. As pessoas que pulverizam e aquelas que puxam as mangueiras têm que usar proteção em todo o corpo, pois o sulfato corrói a pele, causando queimaduras e cicatrizes. Usam chapéus com abas, capa, calça, luvas de plástico, botas e máscara.

O parreiral foi plantado em fileiras horizontais. Um pulveriza de um lado e o outro, de outro, repartindo o parreiral em duas partes verticais. Dessa forma, uma pessoa passa o sulfato numa fileira e depois volta pela mesma fileira a fim de banhá-lo melhor, exigindo um esforço grande da pessoa que pulveriza e daquela que puxa de volta as mangueiras. Outro incidente observado em que a fala dialetal italiana predominou foi quando escorreu sulfato pelo braço de José Poggere e começou a corroê-lo. Ele subiu até onde nós estávamos e falou: - “*Le drìo esbruzar! Vou trocar a luva de soto*¹⁶”. Paramos então para que ele trocasse sua luva. Nota-se que ele usou a fala dialetal italiana e depois o português com mistura do dialeto. Como já afirmamos, isso é freqüente durante o trabalho.

Se a fala dialetal italiana durante os trabalhos na terra é freqüente, o uso do ditongo *-on* também é, fluindo naturalmente no grupo quando os membros falam português.

¹⁶ “Está queimando! Vou trocar a luva de baixo.”

Por exemplo, quando estávamos tirando as folhas para entrar mais sol no parreiral, perguntei o porquê da atividade e a mãe respondeu: "*Pra te(r) uma graduaçon alc(o)ólíca boa, senon se ganha po(u)co co'a fabricaçõ do vinho, né...*"¹⁷. Essa manifestação da mãe confirma que o uso de *-on* é freqüente, falado durante as diversas práticas rurais, como tirar folhas das parreiras, passar sulfato, da família. Segundo Battisti (2004), a fala de uma comunidade de prática, como é a família neste estudo, é uma dentre outras práticas, como o modo de vestir ou agir. A fala, desse modo, distingue os indivíduos e os identifica num quadro maior de práticas sociais como a fala dialetal italiana.

Segundo Durham (2004), os padrões ideais da cultura rural tradicional enfatizam a divisão do trabalho relativamente rígida, que atribui ao grupo masculino (pai e filhos) a execução das tarefas extra-domésticas, e tende a colocar a mulher nos trabalhos de casa, o que inclui a horta. O que ocorre na família observada é assim apenas em parte. É a mãe quem dirige as atividades, como a pulverização dos parreirais, na roça e em casa. Quem pulveriza é sempre a mãe da família, tendo como ajudante sempre um homem. Perguntei à mãe por que ela passa o sulfato em vez de deixar outro homem fazê-lo. Ela respondeu: "*Se non passo eu, não fica bem molhado. Sempre fiz isso quando era nova em casa, gosto de passa(r) mesmo que depois doa os ombro(s) por uns dias*" (J. P. 46 anos). A mãe participa dos trabalhos também na roça, como domina os de casa, redesenhando os papéis sociais atribuídos a ela no passado, ligados à casa e às lides domésticas. O pai, não podendo fazer muito esforço devido a um problema na coluna vertebral, encarrega-se de preparar o sulfato, atividade que também desempenhei no segundo dia de observação.

Na família Poggere observada, os filhos homens estudam e trabalham todo o dia, não em casa, mas fora. A mãe ressalta "*Eles fazem falta aqui, ma(s) se é a vontade deles de sai(r), fazê o que, né.*" Durham (2004) faz uma constatação que parece corroborar o que a mãe disse. A criação do trabalhador livre significou a separação dos filhos da família, o

¹⁷ "Para ter uma graduação alcoólica boa, senão se ganha pouco com a fabricação do vinho, né."

trabalhador ‘livre’ é aquele que trabalha individualmente e vende sua força de trabalho. Os filhos são trabalhadores livres. Um deles é enólogo e trabalha numa Vinícola, em São Marcos, e pretende ingressar em curso superior sobre o assunto, em Bento Gonçalves. Outro filho cursa Engenharia Ambiental, na Universidade de Caxias do Sul, e trabalha numa empresa do ramo da engenharia química. Os dois filhos homens ajudam nos trabalhos com a uva quando estão no período de férias. A filha mulher, mais jovem que os filhos homens, dedica-se às atividades escolares e também ajuda nas lides diárias da casa.

Com relação aos filhos, nota-se na família a seguinte situação: não há o menor interesse em continuar o trabalho dos pais. Além disso, o pedaço de terra em que vivem as seis famílias constituídas pelos descendentes de quarta geração dos Poggere será insuficiente para que todos os filhos, os primos de Mateus, Rodrigo e Carina, subsistam das atividades rurais. No presente momento, no entanto, é o dinheiro da “terra” que os sustenta: Mateus e Rodrigo dependem financeiramente dos pais, os salários que recebem na indústria não cobrem suas despesas. O desinteresse pelas atividades rurais também é compartilhado pela filha menor, que pensa em estudar e morar na cidade quando atingir a maioridade.

O português falado pelos filhos quase não apresenta características devidas ao contato com a fala dialetal italiana. Realizam mais *-ão* do que *-on* nas interações com os membros mais velhos da família, o que está de acordo com o resultado da análise estatística para o fator 15 a 25 anos de idade (0,23), desfavorecedor da realização de *-on*. Os filhos falam somente a língua portuguesa, até mesmo quando estão com os pais. Esses dirigem-se aos filhos tanto na fala dialetal italiana quanto em português, predominando este último, embora misturado a elementos dialetais. Os filhos não praticam a fala dialetal italiana e acham graça, tentam corrigir o português falado por seus pais, que produzem *-on* frequentemente. Um exemplo foi um dia de manhã, tomando café. A mãe disse ao filho: “ - *Me passa o pon, Mateus*”. O filho disse: “ - *Não se diz pon mãe, é pão.*” Interpelada pelo filho, a mãe declara

que “*É o jeito que aprendemos, não vejo nenhuma diferença em dizer de uma mane(i)ra ou o(u)tra*” (Janete Poggere, 46 anos), dando a entender aos presentes, quem sabe especialmente à pesquisadora, que valoriza sua fala e origens.

Nos últimos dias de convívio, pude notar que, além do trabalho com os parreirais, a família desempenha outras atividades, diferenciadas quanto ao gênero. A mãe tira leite de três vacas e cuida de suas lavouras. Nessas ela planta de temperos a hortaliças e verduras para o consumo da família. Além de tudo isso ela é a responsável pelo cuidado da casa, numa rotina que começa bem cedo. Às seis horas da manhã ela levanta, arruma a mesa para o café da manhã, vai até a estrebaria e tira leite das vacas, depois volta, cõa o leite. Às vezes ela faz queijo, às vezes ela distribui o leite para seus parentes. No verão, época em que a observação foi realizada, ela parte para o trabalho nos parreirais logo após tomar o café da manhã. Às onze horas, ela volta para casa e prepara o almoço da família. À tarde, ela arruma a casa, lava roupa, atividades estas que são desempenhadas também por sua filha. Quando o sol não está mais tão quente, aí sim ela volta à roça, aos parreirais, para continuar o trabalho junto a seu marido. Essas práticas cumprem o objetivo comum que a família como unidade produtiva tem: o próprio sustento.

O pai é o responsável pelos negócios da casa. É ele quem cuida da venda do vinho e dos demais negócios da família. Ele se ocupa do trabalho com os parreirais e dá conta daqueles que envolvem Banco, Sindicato e a compra de defensivos agrícolas. Na época da uva, o pai também participa de diversas reuniões na Cooperativa, em que se discute a política de venda do vinho. É de responsabilidade do pai de família todo e qualquer tipo de decisão que envolva filhos, negócios e trabalho. Essa situação se parece com o que Durham (2004) afirma sobre a dominação paterna. Segundo a autora, cabem ao pai não somente as decisões que afetam o grupo como um todo, mas também aquelas que se referem a cada um de seus membros, individualmente. Para a autora, é o pai quem coordena o trabalho e recebe a

remuneração da atividade coletiva; cabe a ele também a iniciativa em todas as relações interfamiliares. Na família estudada, cabe ao pai a convocação de seus irmãos para, por exemplo, pulverizar os parreirais, retirar as folhas das parreiras em excesso, capinar. Cabe a ele também a decisão de participar ou não dos trabalhos na comunidade, como festas religiosas. Ao pai cabe a reunião do grupo familiar para a realização dos empreendimentos comuns além do cultivo da uva: o cuidado com os aviários, transportadora e produção de vinho.

Quando na zona urbana, tanto o pai, João Roque, quanto a mãe, Janete, falam português. Com forte sotaque, mas português. A fala dialetal italiana com muitas misturas do português é praticada apenas com conhecidos da zona rural ou parentes que eventualmente encontrem na cidade, sempre de sua faixa etária ou mais velhos. A fala dialetal italiana na família de João Roque Poggere ocorre sobretudo na zona rural, e não se dá entre os jovens.

Em casa, já na zona rural, é a mãe quem conversa (em português) mais com os filhos acerca do dia-a-dia, trocando idéias sobre suas opções, alertando-os para os problemas do cotidiano, orientando-os em suas escolhas, educando-os, enfim. O pai participa das decisões, dá a palavra final em muitas questões, mas em geral é à mãe que os filhos se dirigem para contar os problemas. Talvez aí, no interior da própria família, esteja o ponto de contato entre as mulheres e a fala monolíngüe-português: os filhos, ainda freqüentadores da escola e universidade, o que explicaria o resultado obtido na análise quantitativa para o fator Mulher (0,43), desfavorecedor da realização *-on*.

Uma nova atividade, antes reservada apenas aos habitantes do meio urbano, está presente no meio rural: a ida ao Clube ou Associação, como é chamado lá. Tanto a filha como os filhos de João Roque e Janete Poggere participam dos eventos e atividades esportivas no clube da cidade. A mãe e o pai só freqüentam quando têm tempo. Ao Clube vão muitos

jovens e adolescentes, que falam apenas português. Quando os pais vão, a fala dialetal italiana também é freqüente, mas entre eles ou com pessoas mais velhas.

A pesquisadora observou a ocorrência de outras características da fala dialetal italiana no português dos pais além da realização de *-on*, como o uso do tepe em vez da vibrante múltipla. Um exemplo da fala do pai: “*Nós utilizamos o caroçon para levar a uva pra baixo...*”. Tanto o pai quanto a mãe produzem essas características ao falar português, parecendo não possuir razões (sociais) para evitá-las. E isso se repete em muitas outras famílias dessa localidade rural.

5.2.2 IDADE E GÊNERO NA ALTERNÂNCIA -ÃO:;-ON

A observação participante junto à família de João Roque Poggere forneceu elementos que nos permitiram interpretar os resultados quantitativos das variáveis sociais Gênero e Idade e, dessa forma, refletir sobre o significado social das alternantes.

Tomando-se a família como comunidade de prática, tivemos nos pais e nos filhos o cruzamento das identidades observadas: de indivíduos de meia-idade (pais) e jovens (filhos), se considerada a idade; e de gênero masculino e feminino, quando consideradas as práticas de pai e filhos homens, de um lado, e de mãe e filha mulher, de outro.

Com base na afirmação de Eckert (2005) de que as práticas envolvem a construção de uma trajetória compartilhada em relação à comunidade e ao mundo em volta dela, e de que também a ordem social explica a natureza das comunidades de prática, as identidades homem-mulher, jovem-meia-idade numa família como a de João Roque constróem-se uma relativamente à outra e também relativamente à sociedade que integram. João Roque e Janete Poggere, mais seus filhos, constituem uma família de zona rural. As

práticas de pai e mãe voltam-se basicamente ao seu sustento e o de seus filhos, como também ao das outras famílias Poggere, reunidas em torno de seus empreendimentos (rurais) comuns. Já aí forma-se um grupo relativamente fechado, cujos componentes representam a quarta e a quinta gerações de uma família de imigrantes italianos chegada no Brasil há 140 anos.

Esse grupo coeso, reunido por laços de família, desenvolve atividades nas terras adquiridas pelas gerações anteriores. Dá continuidade ao projeto de subsistência familiar, que começou pelo cultivo da uva e fabricação de vinhos e estendeu-se a aviários e transportadora. A continuidade manteve práticas que aqui consideramos transgeracionais. Essas são, por exemplo, o trabalho em equipe nos cuidados com os parreirais, a fala dialetal italiana durante o trabalho e o convívio dos membros do grupo.

As diferentes gerações dos Poggere vivenciaram distintos momentos da história de São Marcos e do país. Sem aprofundar esse tema, mas tecendo considerações que envolvem o estilo de vida dos membros da família de João Roque e de Janete, pode-se afirmar que as exigências sócio-econômicas e as possibilidades sociais da quarta e quinta gerações dos Poggere – que são distintas - relacionam-se ao fato de João Roque e Janete praticarem a fala bilíngüe e seus filhos, não, o que por seu turno liga-se à realização ou não da variante *-on* na fala em língua portuguesa dessa família. Pai e mãe, de um lado, não avançaram na escolarização, nem sentiram necessidade de abandonar a zona rural. Em verdade, sentiram-se responsáveis pela terra, chamados a nela ficarem e trabalharem. E ela tem lhes dado seu sustento. Já os filhos sofrem o imperativo da escolarização, que avança ao grau universitário, e possuem um horizonte profissional voltado às atividades urbanas. Fora da família, seu convívio é urbano e monolíngüe-português. Não praticar a fala dialetal italiana, evitar *-on* e outras características peculiares ao contato é uma contingência da interação social que realizam e que têm como perspectiva futura. Assim, embora seus pais, na família, não tenham

aberto mão da fala dialetal italiana e tampouco evitem o sotaque ao falarem português, os filhos adotam outras práticas pelo seu significado social.

Intimamente relacionado à idade e às práticas sociais locais está o gênero. Como se viu no relato da seção anterior, embora Janete desempenhe muitas atividades que os homens também desempenham, a ela cabem tarefas que lhes são exclusivas, como a orientação aos filhos. Esse contato com os filhos, falantes monolíngües-português, é mais intenso que o contato do pai, João Roque, com os filhos. Assim, embora, como todos os Poggere de sua geração (quarta), Janete participe das práticas rurais, empregando a fala dialetal italiana e apresentando *-on* ao usar o português, ao mesmo tempo, diferentemente dos homens, sofre mais exposição ao monolingüismo-português, e, conforme relatado na seção acima, correção por parte dos filhos. Não se percebeu em Janete, a mãe, uma atuação forte de fatores sociais como escolaridade, tampouco uma orientação ao urbano advinda, por exemplo, de um desejo de abandonar o campo, ou de falar corretamente para não influenciar (mal) os filhos. O que se passa na fala de Janete, como na de João Roque e os membros mais velhos da família, é bastante inconsciente. Assim, no que diz respeito a uma identidade de gênero feminino que se constituiria na prática de não produzir tanto *-on* ao falar português, pode-se afirmar que ela é implicada por outras práticas que são tipicamente femininas nessa comunidade rural brasileira, descendente de italianos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Marcos, um dos municípios pertencentes à Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, tem sua história ligada à imigração de europeus, maiormente aos italianos que se instalaram nesse lugar e trouxeram consigo tradições e costumes, trouxeram diferentes dialetos que, misturados, resultaram na fala dialetal italiana. Foi na zona rural do município, por meio da realização de entrevistas sociolingüísticas, que se percebeu o uso ainda freqüente da fala dialetal italiana em certas famílias e a conseqüente realização de *-on*, na fala em língua portuguesa, objeto do estudo realizado.

Verificou-se que os falantes bilíngües irrestritos são os mais idosos; os semi-restritos são os mais jovens. Isso já apontava o papel relevante de variáveis sociais como Idade na análise da variação, o que a revisão de literatura sobre outras alternâncias oriundas de contato lingüístico no português brasileiro reforçou e a análise quantitativa realizada confirmou.

Os resultados estatísticos apontaram uma forte influência das variáveis Idade, Escolaridade e Gênero. Falantes mais velhos privilegiam a forma *-on*, e os mais novos a forma *-ão*. Mulheres favorecem *-ão* e homens *-on*. Quanto maior a escolaridade dos

informantes, menos freqüente é a ocorrência de *-on*, e quanto menor a escolaridade, maior é essa freqüência.

O controle das variáveis lingüísticas Número de Sílabas do Vocábulo e Contexto Fonológico Precedente revelaram que a variante *-on* ocorre mais em monossílabos do que em vocábulos de duas ou mais sílabas, e que palavras com consoantes posteriores no ataque da sílaba tônica favorecem a realização de *-on*. A hipótese de que uma consoante nasal na sílaba que inicia o vocábulo seguinte favoreceria a realização de *-on* não se confirmou.

Os resultados quantitativos das variáveis sociais Idade e Gênero foram interpretados por meio de elementos visualizados na observação participante. Foi possível ver que a família tem um papel importante enquanto comunidade de prática na realização variável do ditongo nasalônico. A família como uma unidade produtiva é o que segura os membros na localidade rural. Essa atividade produtiva faz com que as pessoas fiquem na terra, o que não os obriga a abrirem mão da prática bilíngüe e tem como consequência uma fala em língua portuguesa com marcas do contato com a fala dialetal italiana, entre elas a realização de *-on*.

A família Poggere, comunidade de prática, tem nos pais e nos filhos identidades distintas, cada um deles desenvolve práticas próprias. Quanto à idade, os pais desenvolvem atividades rurais, têm pouca escolarização, praticam a fala bilíngüe e realizam mais o *-on*, ao contrário dos filhos, que desenvolvem atividades urbanas, têm mais escolarização e realizam mais o *-ão*. Relacionado à idade está o gênero. A mulher, a mãe, realiza menos o *-on*, porque tem um contato mais intenso com seus filhos, sofrendo assim, mais exposição junto a monolíngües português, o que não acontece com o pai.

A metodologia empregada na análise qualitativa demonstrou a importância de se verificar *in loco* fenômenos como a realização de *-on*. Foi somente por meio da microanálise feita na família que se pôde visualizar que falar o *-on* insere-se num quadro maior de práticas

rurais realizadas pelos falantes. Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista acrescida de estudo etnográfico provou ser válida no estudo de língua e cultura.

Estudar um fenômeno fonológico variável como a alternância *-ãõ::-on* contribuiu para o entendimento de uma, dentre tantas, características da fala em língua portuguesa de bilíngües português-italiano de uma comunidade rural. A fala bilíngüe integra o quadro de práticas rurais da família descendente de italianos do Rio Grande do Sul, em suas gerações mais velhas.

Mudanças na sócio-história, na economia, apontam para o monolingüismo-português, uma vez que os mais jovens avançam em escolarização, e instrumentalizam-se para a vida urbana. É uma perspectiva futura que outros trabalhos poderão confirmar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. *O pacote VARBRUL*. 1998. (manuscrito)

APPEL, R., MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Traducción y versión española de Anxo M. Lorenzo Suárez y Clara I. Bouzada Fernández. 1. ed. Barcelona: Ariel, 1996.

BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. 1993. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre.

_____. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. 1997. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre.

BATTISTI, E., VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do Português. In: BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BATTISTI, Elisa. Linguística e Sociedade. In: CHAVES, Flávio Loureiro, BATTISTI, Elisa (Orgs.) *Cultura Regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

BATTISTI, Elisa, BOVO, Nínive Magdiel Peter. Variação linguística como prática social. Análise quantitativa e qualitativa da realização da vibrante no português em contato com italiano. *Revista Lingua(gem)*, Amapá-Macapá, v. 1, n.2, 2004.

BELTRÃO, P. C. *Sociologia da família contemporânea*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Traduzido por Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BORSTEL, Clarice Nadir von. Identidades étnicas e situações de uso de línguas. In: *Palavra*. n. 11. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro, Trarepa, 2003.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1990.

BOVO, Nínive Magdiel Peter. *A variação da vibrante e seu valor social*. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. IN: BISOL, Leda, BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. Edimburgo. 1977. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, Universidade de Edimburgo.

CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CHAMBERS, J. K. Studying language variation: an informal epistemology. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

_____. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. 2. Ed. Coimbra: Armenio Amado, 1978.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

CHESHIRE, J. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. E SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

DE BONI, L. A., COSTA, R. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 2. Ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

DUBOIS, J. et. al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DURHAM, E. R. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURANTI, Alessandro. *Antropologia del linguaggio*. Roma: Meltemi, 2002.

ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Malden, Massachusetts: Blackwell, 2000.

_____. *Variation, convention and social meaning*. Oakland. California, 2005.

In: <http://www.stanford.edu/~eckert/EckertLSA2005.pdf>

ECKERT, Penelope., MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. *Annu. Rev. Anthropol.* 1992. 21: 461-90.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes, ZILLES, Urbano. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOLEY, W. A. *Antropological linguistics: an introduction*. Oxford: Blackwell, 1997.

FROSI, Vitalina Maria, MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, Vitalina Maria. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: MEO ZILIO, G. (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987.

FROSI, V. M. Proveniência dos imigrantes italianos e suas falas dialetais. In: ZUGNO, P. L., HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.) *Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIANNI, Eliana. *Transferências lexicais da língua portuguesa para a fala dialetal italiana em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul*. 1997. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre.

GUY, G. R. Competence, Performance, and the Generative Grammar of Variation. In: HINSKENS, F., VAN HOUT, R. E WETZELS, W. L. *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1997.

_____. Varbrul: análise avançada. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles. In: NEUSA, M. (org.) *Cadernos de tradução*. v.1. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HAUGEN, Einar. The analysis of linguistic borrowing. In: *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HAZEN, Kirk. The family. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. E SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre bilingüismo e bilingualidade: revisão de uma questão. In: *Palavra*. n. 11. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro, Trarepa, 2003.

HEYE, J. SAVEDRA, M. De bilingüismo a bilingualidade. In: *Anais do 1º Encontro do Celsul*. V. 1. Florianópolis, 1997.

HERÉDIA, V. B. M Identidade e cultura: valores humanos da cultura regional. In: BOMBASSARO, L. C., JUNIOR, A. D. R., PAVIANI, J. (Orgs.) *As interfaces do humanismo latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HORA, Dermeval da. (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

JOHNSTONE, Barbara. *Qualitative methods in sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2000.

LABOV, Willian. Contraction, deletion and inherent variability of english copula. *Language*, volume 45, número 4, 1969. p. 715-762.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Sociolinguistique*. Présentation de Pierre Encrevé. Traduit de l'anglais por Alain Kihn. Paris:Les Editions de Minuit, 1976.

_____. *Modelos sociolingüísticos*. Traducción de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. v. 2. Malden, Massachussetts: Blackwell Publishers, 2001.

LYONS, Jonh. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Tradução de Tradução de Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague, Monton, 1972.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Porto Alegre. 2004. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MATURANA, H. R., VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 2. Ed. São Paulo: Palas Athena, 2002. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. E SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

MEYERHOFF, Mirian. Communities of Practices. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. E SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

MOUGEON, R., BENIAK, E. Social class and language variation in bilingual speech communities. In: GUY, G. R., FEAGIN, C., SCHIFFRIN, D. & BAUGH, J. (eds.) *Towards a social science of language – Papers in honor of William Labov*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

OLIVEIRA E SILVA G. M. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C., *Introdução à sociolingüística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAGOTTO, Emílio G. *Variação é identidade*. Campinas. 2001. 454 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

PAIVA, M. da C., SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. *Delta*. v. 15, n. especial, 1999. P. 201-232.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Estudos sociolingüísticos e os valores humanísticos. In: BOMBASSARO, L. C., JUNIOR, A. D. R., PAVIANI, J. (Orgs.) *As interfaces do humanismo latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Atuação do professor de língua portuguesa em situações de bilingüismo*. 1997. 283 f. Tese (Doutorado)- Convênio Universidade Federal de São Carlos e Universidade de Caxias do Sul, São Carlos.

PENNA, M. Relatos de imigrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Lingua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

PESEZ, Jean-Marie. *Aldeia*. In: Enciclopédia Einaudi, V.8, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

POUITIGNAT, Philippe, SHEIFF-FERRAT, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.) *Lingua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

RIGATTI, Ana Paula. *Realização do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi-RS, regiões de imigração alemã*. 2003. 93 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIZZON, Luiz Antonio, POSSAMAI, Osmar J. *História de São Marcos*. São Marcos: Edição do Autor, 1987.

ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros.

RONCAYOLO, Marcel. Região. In: *Enciclopédia Einaudi*, V.8, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

_____. Cidade. In: *Enciclopédia Einaudi*, V.8, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.

ROSSI, Albertina. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulina Chapecó-RS e Flores da Cunha-RS. In: *Working Papers em Lingüística*. Florianópolis: UFSC, 2000.

SANKOFF, Gillian. Linguistic outcomes of language contact. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P. E SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002.

SANTOS, J. V. T. dos. *Colonos do Vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1984.

SANTOS, Salet Pezzi dos. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: Identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. 2001. 208 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

SPESSATO, Marizete Bortolanza. *Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó*. 2001. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SPRADLEY, James P. *The ethnographic interview*. New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1979.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C., BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Boringhieri, 1974.

WETZELS, W. Leo. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*. fev., 1997. p. 01-34.

WILLIAMS, Edwin B. *From Latin to Portuguese: historical phonology and morphology of the portuguese language*. Philadelphia, Oxford: Humphrey Milford, 1938. Traduzido por Antonio Houaiss, 1961.